



**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**Fabiana da Motta Damiani**

**CARACTERÍSTICAS DE ESTRUTURA DE PERSONALIDADE DE PAIS, MÃES E  
CRIANÇAS ENVOLVIDAS NO FENÔMENO DA ALIENAÇÃO PARENTAL**

São Leopoldo

2012

Fabiana da Motta Damiani

**CARACTERÍSTICAS DE ESTRUTURA DE PERSONALIDADE DE PAIS, MÃES E  
CRIANÇAS ENVOLVIDAS NO FENÔMENO DA ALIENAÇÃO PARENTAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração Psicologia Clínica, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vera Regina Röhnelt Ramires

São Leopoldo

2012

D158c    Damiani, Fabiana da Motta.  
          Características de estrutura de personalidade de pais,  
          mães e crianças envolvidas no fenômeno da alienação  
          parental / por Fabiana da Motta Damiani. – 2012.  
          80 f. : il. ; 30 cm.

          Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do  
          Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em  
          Psicologia Clínica, 2012.  
          “Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vera Regina Röhnelt  
          Ramires.”

          1. Síndrome da alienação parental. 2. Divórcio.  
          I. Título.

**CDU 159.9-055.52**

Catalogação na Publicação:  
Bibliotecária Fabiane Pacheco Martino - CRB 10/1256

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pela paciência nos momentos em que minha dedicação precisou ser dividida com o estudo e a pesquisa, tão necessários para finalização desta etapa.

Ao **Alexandre, Carla e Ana Luísa**, meu carinhoso agradecimento.

À minha mãe, **Mariza** por sempre estar ao meu lado, mesmo enfrentando momentos delicados durante essa caminhada.

Ao meu pai, **Paulo** por ser uma referência de compenetração e dedicação em sua profissão.

Aos meus irmãos **Ana Carolina, Luciana e Dino**, por existirem na minha vida e por serem sempre exemplos de carinho e dedicação.

À professora **Vera Ramires**, minha orientadora, por compartilhar comigo o desejo de pesquisar no campo da Psicologia Jurídica. Por estar ao meu lado nos momentos difíceis e por ser uma pessoa compreensiva, afetiva e amiga.

À professora **Sonia Liane Reichert Rovinski** pelo auxílio prestado através das supervisões do Rorschach.

Às professoras da banca **Denise Falcke** (Unisinos), **Maria Lucia Tiellet Nunes** (PUC/RS) e **Regina Sonia Gattas Fernandes do Nascimento** (PUC/SP), pelas importantes contribuições por ocasião da banca de qualificação, cooperando para o enriquecimento e qualidade deste trabalho.

Aos **participantes do estudo**, pela disponibilidade em colaborar com a pesquisa.

Aos colegas do Mestrado por compartilharem os bons momentos dessa trajetória.

Agradeço especialmente à **Janaína, Marta e Patrícia**, pela amizade e parceria.

*A todos vocês, o meu mais sincero Muito Obrigada!*

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>4</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>6</b>
<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>SEÇÃO I- Características de Estrutura de Personalidade de Pais e Mães Envolvidos no Fenômeno da Alienação Parental.....</b>	<b>10</b>
<i>Resumo.....</i>	<b>10</b>
<i>Abstract.....</i>	<b>10</b>
<i>Introdução.....</i>	<b>10</b>
<i>Método.....</i>	<b>16</b>
<i>Participantes.....</i>	<b>16</b>
<i>Procedimentos de coleta de dados.....</i>	<b>17</b>
<i>Procedimentos de análise de dados.....</i>	<b>18</b>
<i>Resultados e Discussão.....</i>	<b>18</b>
<b>Caso 1- Dora e José.....</b>	<b>18</b>
<b>Caso 2- Beatriz e João.....</b>	<b>22</b>
<b>Caso 3- Taís e Marcelo.....</b>	<b>26</b>
<i>Convergências entre os casos.....</i>	<b>31</b>
<i>Considerações Finais.....</i>	<b>35</b>
<i>Referências Bibliográficas.....</i>	<b>36</b>
<b>SEÇÃO II- Características do Funcionamento Psicodinâmico de Crianças Envolvidas no Fenômeno da Alienação Parental.....</b>	<b>41</b>
<i>Resumo.....</i>	<b>41</b>
<i>Abstract.....</i>	<b>41</b>

<i>Introdução</i> .....	41
<i>Método</i> .....	47
<i>Participantes</i> .....	47
<i>Procedimentos de coleta de dados</i> .....	47
<i>Procedimentos de análise de dados</i> .....	48
<i>Resultados e Discussão</i> .....	49
Caso 1- Mariana.....	49
Caso 2- Bruno e Ana.....	53
Caso 3- Igor.....	58
<i>Convergências entre os casos</i> .....	61
<i>Considerações Finais</i> .....	65
<i>Referências Bibliográficas</i> .....	66
<b>PALAVRAS FINAIS</b> .....	71
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	72
<b>ANEXOS</b> .....	73
Anexo A- Questões norteadoras das entrevistas semiestruturadas com os pais...73	
Anexo B- Questões norteadoras das entrevistas estruturadas com os pais .....74	
Anexo C- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....76	

## RESUMO

O fenômeno da Alienação Parental tem sido observado em estreita relação com o divórcio altamente conflitivo e caracteriza-se pelo afastamento dos filhos, de um de seus genitores, sem que haja uma justificativa aparente ou real para isso (Darnall, 1997; Gardner, 1987). Os filhos passam a adotar uma postura de rechaço, mantendo laços muito próximos com o genitor alienador e desqualificando o genitor alienado. Segundo dados do IBGE, o número de separações e divórcios no Brasil vem aumentando, sendo que de 1991 a 2002, houve um crescimento de 59,6% (IBGE, 2002/2003). Essa realidade evidencia que o número de crianças e adolescentes envolvidos em conflitos familiares também está crescendo. A literatura vem destacando que esse é um processo dinâmico, que envolve a participação de todos os membros do núcleo familiar. Porém, a forma como se dá a participação de cada um no conflito ainda não foi bem esclarecida. O objetivo do presente estudo foi analisar e compreender as características de estrutura de personalidade de pais, mães e filhos envolvidos no fenômeno da Alienação Parental. Para tanto, utilizou-se uma abordagem qualitativo-exploratória, adotando-se o procedimento de estudos de caso. Os resultados evidenciaram genitoras alienadoras com características de personalidade instáveis, com vínculos simbióticos, frágeis e sujeitos a rupturas. Foi possível observar, também, a presença de defesas primitivas e intensa ansiedade de separação. Estes resultados apontaram para características compatíveis com as das organizações limítrofes de personalidade. Os pais alienados apresentaram indicadores de depressão, sentimentos de desesperança e imaturidade. Em relação aos filhos, os resultados mostraram crianças com um funcionamento psicodinâmico mais regressivo, características de dependência, imaturidade e a presença de sentimentos como medo, solidão e tristeza. Os resultados foram organizados em dois artigos empíricos: o primeiro deles discute as características de estrutura de personalidade de pais e

mães envolvidos no fenômeno da Alienação Parental; o segundo artigo apresenta as características do funcionamento psicodinâmico de crianças envolvidas no fenômeno da Alienação Parental.

**Palavras-Chave:** Alienação Parental, divórcio, personalidade.



## ABSTRACT

The Parental Alienation phenomenon has been observed in close relationship with highly conflicting divorces. Parental Alienation is characterized by one parent pushing children away from the other parent without an apparent or real justification. (Darnall, 1997; Gardner, 1987). Children adopt a repulsion behavior, keeping a close bond to the alienating parent and disqualifying the alienated parent. According to IBGE (Brazilian Statistics and Geography Institute) the number of divorce and separations has been increasing in Brazil. There was a 59,6% increase in these numbers from 1991 to 2002 (IBGE, 2002/2003). This reality shows that the number of children and adolescents involved in family conflicts is also rising. Research in the field highlights this is a dynamic process which involves all members in the nuclear family. However, the way in which each family member participates in the conflict is yet to be made clear. The objective of the present study is to analyze and understand the personality structure traits of the mothers, fathers and children involved in the Parental Alienation phenomenon. Having this objective in mind, a qualitative-exploratory approach was used in the present research along with a case study procedure. The results showed alienating mothers as having unstable personality traits and symbiotic, fragile bonding which is subject to rupture. It was also possible to observe primitive defenses and intense separation anxiety. These results point to traits that are compatible with borderline personality organizations. Alienated parents showed depression, feelings of hopelessness and immaturity traits. Concerning the children, the results showed children with a more regressive psychodynamic functioning, dependency traits and feelings such as fear, loneliness and sadness. The results were organized in two empirical studies: the first one discusses the personality structure traits of both fathers and mothers involved in the Parental Alienation

phenomenon; and the second article shows the psychodynamic functioning characteristics of the children involved in the Parental Alienation phenomenon.

**Keywords:** Parental Alienation, divorce, personality

## APRESENTAÇÃO

Um dos desafios da clínica psicológica, na atualidade, é poder atender às especificidades da interlocução com outros campos do conhecimento. O fenômeno da Alienação Parental ocorre em meio às disputas de guarda acirradas, o que promove um encontro entre dois campos do saber: a Psicologia e o Direito. Para uma melhor compreensão do fenômeno, é importante o desenvolvimento de estudos no campo da Psicologia Jurídica, área de investigação ainda pouco explorada (França, 2004; Lago & Bandeira, 2009; Rovinski, 2007). A temática da Alienação Parental tem sido discutida na sociedade e, inclusive, tornou-se objeto de uma lei, que tem como propósito proteger crianças e adolescentes dos efeitos negativos do processo de alienação (Lei nº12318-10, Site Oficial da Câmara dos Deputados, acesso em 03/06/2010).

A literatura vem apontando a existência de um processo dinâmico e contínuo, que pode ocorrer após a separação e culminar na experiência de Alienação Parental. Nessa situação, haveria um afastamento drástico de um dos cônjuges da convivência com os filhos. Muitos fatores podem estar envolvidos, como disputas de interesses, sentimentos de vingança, raiva e ressentimentos (Cruz, Maciel & Ramires; Darnall, 1997, 2010; Gardner, 1987; Kelly & Jonhston, 2001).

O foco deste estudo foi investigar as características de estrutura de personalidade de pais, mães e filhos envolvidos no fenômeno da Alienação Parental. Foi realizado um estudo qualitativo-exploratório, baseado no procedimento de estudos de caso, e os resultados serão apresentados em duas seções, contempladas por dois artigos empíricos. A Seção I apresenta um artigo que discute os resultados de três estudos de caso realizados com pais e mães envolvidos no fenômeno da Alienação Parental. A Seção II contempla um artigo que aborda os aspectos do funcionamento psicodinâmico de crianças envolvidas no fenômeno da

Alienação Parental. Cabe salientar que os resultados apresentados nos dois artigos referem-se às mesmas famílias. No primeiro, os pais e mães foram contemplados; no segundo, a abordagem foi em relação ao funcionamento psicodinâmico dos respectivos filhos. Este trabalho objetivou um maior esclarecimento quanto às características de personalidade dos envolvidos no fenômeno da Alienação Parental, já que poucos estudos exploraram essa questão. Com poucas informações disponíveis, as intervenções clínicas com essa população tendem a ser difíceis de manejar, sendo necessário o investimento em pesquisas que auxiliem a elucidar tais situações.

## SEÇÃO I

### **Características de Estrutura de Personalidade de Pais e Mães Envolvidos no Fenômeno da Alienação Parental**

#### ***Resumo***

A Alienação Parental é um fenômeno que tem sido observado associado ao divórcio altamente conflitivo. Esse estudo investigou as características de estrutura de personalidade de pais e mães envolvidos nesse fenômeno. Foi utilizada uma abordagem qualitativo-exploratória, adotando-se o procedimento de estudos de caso múltiplos. Foram realizadas entrevistas estruturadas e semiestruturadas, além da aplicação do Teste Rorschach, por meio do sistema compreensivo. Os resultados apontaram para a presença de defesas primitivas, intensa ansiedade de separação, predominância de vínculos simbióticos, dificuldade de discriminação e percepção inadequada do outro.

**Palavras-Chave:** Alienação Parental; divórcio; personalidade; Teste Rorschach.

### **Personality Structure Traits of the Fathers and Mothers Involved in the Parental**

#### **Alienation Phenomenon**

#### ***Abstract***

Parental Alienation is a phenomenon that has been observed associated with highly conflicting divorces. The present study investigated the personality structure traits of fathers and mothers involved in this phenomenon. A qualitative-exploratory approach was used together with a multiple case study procedure. Structured and semi-structured interviews were performed, along with the application of the Rorschach Test by means of the comprehensive system. Results indicated the presence of primitive defenses, intense separation anxiety and predominance of symbiotic bonding, difficulty of discrimination and inadequate perception of others.

**Keywords:** Parental Alienation, divorce, personality; Rorschach Test.

#### ***Introdução***

O foco deste estudo foram as características de estrutura de personalidade de pais e mães envolvidos no fenômeno da Alienação Parental. O conceito de Alienação Parental foi objeto de análise, inicialmente, pelo psiquiatra norte-americano Richard Gardner na década de oitenta. Em seu trabalho, como pesquisador da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, e psicoterapeuta de crianças e adolescentes, observou um comportamento que pensou ser resultado de uma “programação” ou “campanha” de um dos pais em relação aos seus

filhos, direcionada ao rechaço do outro genitor. Nessa situação, conseqüentemente, os filhos passavam a apresentar uma rejeição importante em relação a um de seus pais. O contexto do divórcio altamente conflitivo foi identificado como sendo o momento mais propício para tais comportamentos aparecerem, e a contribuição da criança foi descrita como significativa (Gardner, 1987; Rand, 1997). Clawar e Rivlin (1991) também destacaram, em seus estudos, a programação da criança, como uma das características da Alienação Parental.

Gardner (1987) estabeleceu uma descrição do fenômeno da Alienação Parental e foi ainda mais longe, propondo a definição de uma síndrome. Para o autor, a Alienação Parental consiste no processo de programar uma criança para que odeie um de seus genitores, sem que haja uma justificativa aparente ou real. Nessa perspectiva, a Síndrome de Alienação Parental (SAP) é um fenômeno focado no comportamento da criança, que tem um papel ativo na produção do resultado. O fenômeno tem como principal característica o rechaço ao genitor alienado, com o conseqüente afastamento deste, e o reforço da ligação com o outro genitor, descrito como alienador.

O conceito de Alienação Parental ainda é incipiente e vem enfrentando muitas críticas e controvérsias (Bernet, 2008; Bone, 2003; Darnall, 1997; Emery, 2005; Escudero, Aguilar & La Cruz, 2008). Esses autores criticaram o fato de as observações clínicas de Gardner (1987) terem adquirido um status de teoria sem terem sido fundamentadas em pesquisas empíricas. Além disso, questionaram a utilização do termo Síndrome para a descrição de um fenômeno clínico. Apesar das críticas, outros estudos evidenciaram a existência do fenômeno. A pesquisa realizada por Kopetski (1998), nos Estados Unidos, indicou que 20% das famílias em disputa de guarda litigiosa manifestam sintomas de Alienação Parental. Outro estudo, realizado na Holanda por Stokkers e Kormos (2005), apontou que cerca de 40% das crianças envolvidas em disputas de guarda desenvolvem sintomas característicos de alienação.

Na tentativa de obter uma maior compreensão do fenômeno, Darnall (1997) mencionou a importância de se observarem as características individuais dos pais alienadores, descrevendo-os assim: o ingênuo, o ativo e/ou o obcecado. De acordo com essa descrição, o ingênuo mantém uma atitude passiva frente ao processo de alienação; o ativo é vulnerável à perda de controle do comportamento e o obcecado é alguém determinado a destruir o ex-cônjuge e qualquer relação que ele possa manter com a criança. Essa é outra maneira de compreensão do fenômeno, que contempla a existência de um ciclo de alienação em que pais e filhos ficam retidos em sua dinâmica. Trata-se de um fenômeno em que cada um tem seu papel na eclosão e manutenção do conflito (Darnall, 2010).

Em uma perspectiva semelhante, Kelly e Jonhston (2001) definiram a Alienação Parental como um processo e não como uma síndrome. Destacaram a existência de um *continuum* no relacionamento de pais e filhos, após a separação. Este *continuum* pode ser mais positivo, com afinidades preservadas e, no outro extremo, com total rejeição ao genitor alienado. Essa concepção não é tão centrada no papel da criança e destaca a importância de se observar o relacionamento familiar como um todo.

As características do fenômeno da Alienação Parental incluem uma campanha para denegrir um dos pais, com justificativas inadequadas, ausência de ambivalência, apoio reflexivo ao genitor alienador e ausência de culpa. É comum ainda, o uso de argumentos que parecem ensaiados, com linguagem não própria das crianças, mas que elas assumem como suas. Nessa situação é comum que a extensão da animosidade se estenda à família e à rede social dos envolvidos (Darnall, 1997; Gardner, 1998).

Os impactos gerados no psiquismo dos envolvidos no fenômeno da Alienação são inevitáveis. Nesse contexto, os filhos acabam se tornando vulneráveis, podendo apresentar muitas dificuldades. Uma forma de entendimento dessa questão envolve a noção de maus-tratos psicológicos (Guardiola, 2006; Segura, Gil & Sepúlveda, 2006). Nessa ótica, os pais

que mantêm conduta alienadora utilizam a criança para satisfazer suas próprias necessidades, demonstrando falta de habilidade para distinguir a realidade da criança de seus verdadeiros desejos. Para os filhos, esse momento pode se tornar uma época de tristeza, preocupação, rejeição, solidão, lealdades conflitadas e culpa (Wallerstein & Kelly, 1998).

Alguns autores relacionaram a falsa denúncia de abuso sexual com o fenômeno da Alienação Parental (Bow, Quinnell & Zarof, 2002; Dias, 2006; Gudjonsson, 1983). Nessa situação, a narrativa de um episódio, durante o período de visitas, que possa configurar indícios de tentativa de aproximação incestuosa é levada ao extremo. O que ocorre, na maioria das vezes, é a amplificação da narrativa, transformando o fato, verdadeiro ou não, em uma denúncia de incesto. O filho passa a ser convencido da existência de um fato e levado a repetir o que lhe é afirmado como tendo realmente acontecido. Assim, a criança passa a viver uma história falsa, com falsos personagens, mas que é sentida como verdadeira. Trata-se de uma memória que resulta de uma sugestão externa. A este fenômeno dá-se o nome de implantação de falsas memórias (Stein & Perguer, 2001; Stein & Rohenkohl, 2006).

O comportamento alienador pode estar associado a características perversas dos pais, com a presença de uma forma de agir premeditada, com o intuito de prejudicar seu ex-cônjuge (Aguilar, 2007). Essa é uma visão que dicotomiza a relação em termos de uma vítima (genitor alienado) e um culpado (genitor alienador). Entretanto, em muitos casos, ambos os genitores estão predispostos a alienar, em função de características de personalidade não adaptativas (Darnall, 2010). Assim, é possível discutir o fenômeno pensando nas características de personalidade dos pais, sem que haja necessariamente uma vítima ou um culpado.

As características individuais dos envolvidos no fenômeno da Alienação Parental têm sido mencionadas em alguns estudos, destacando-se uma maior ocorrência de mães no papel de alienadoras (Bala, Hunt & MacCarney, 2010; Berns, 2001; Clawar & Rivlin, 1991; Calabrese, Miller & Dooley, 1987; Dunne & Hedrick, 1994; Johnston, 2003). As pesquisas



apontaram características que influenciam na ocorrência do fenômeno da Alienação Parental. Muitos genitores alienadores possuem traços de isolamento, impotência, problemas de desenvolvimento e agem a partir de uma ferida narcísica como força motivadora. Além disso, sentimentos de rivalidade, disputa de interesses e sentimentos de vingança em relação ao ex-cônjuge também são comuns (Cruz, Maciel & Ramires, 2005). Na maioria dos casos, os alienadores veem suas motivações e comportamentos como socialmente aceitáveis.

O discurso negativo e maldoso por parte do alienador e a conseqüente indução de conflitos entre a criança e o genitor alienado é outra característica importante encontrada na dinâmica da Alienação Parental. A literatura aponta que, quase sempre, há uma vivência de redução no contato com os filhos e na visitação a eles. Como explicação para tais comportamentos, estão a presença de indicativos de defesas primitivas, como a cisão e a identificação projetiva (Baker & Darnall, 2006; Gordon & Botinelli, 2008; Vassilou & Cartwright, 2001). Em algumas situações, é possível haver uma tendência em repetir as vivências de Alienação Parental na vida adulta, já que as relações afetivas na infância foram pouco dotadas de afetividade e intimidade (Baker, 2005).

O impacto da ocorrência de transtornos de personalidade no funcionamento conjugal foi investigado por South, Turkheimer e Oltmanns (2008). Os autores afirmaram que os traços de personalidade devem ser o ponto central para se compreender por que alguns relacionamentos prosperam ou não. Neste sentido, afirmaram que as avaliações de guarda devem ser guiadas pelas investigações das características de estrutura de personalidade.

A estrutura de personalidade, na concepção psicanalítica, leva em conta os aspectos constitucionais, as experiências emocionais na infância e as experiências traumáticas na vida adulta (Freud, 1916/1994). A contribuição de Bergeret (1988) na compreensão da personalidade demonstrou que ela está organizada de modo estável, com mecanismos de defesa, um modo seletivo de relação de objeto, um grau definido de evolução libidinal e

egoica, uma atitude fixada de modo repetitivo diante da realidade e com um jogo recíproco bastante invariado dos processos primário e secundário.

Segundo Bergeret (1998), as personalidades neuróticas e psicóticas podem ser descritas como estruturas, enquanto os estados-limite constituem uma organização. O autor salientou que a estrutura é irreversível, porém a organização pode ser provisória. Como critérios para essa classificação, são levados em conta os seguintes fatores: natureza do conflito predominante, natureza da angústia predominante, principais defesas e relação de objeto. Nessa perspectiva, torna-se importante observar um padrão duradouro ao longo do tempo, que direciona ao caminho da estruturação da personalidade. Essa abordagem baseia-se nos aspectos dinâmicos formadores da personalidade e diferencia-se das abordagens categoriais do DSM IV e da CID 10 (Kernberg, 1995).

A avaliação da personalidade em processos de guarda é fundamental para uma melhor compreensão de fenômenos como a Alienação Parental. O teste Rorschach vem sendo apontado como um instrumento adequado para utilização no âmbito Forense, mais especificamente em processos de guarda. A confiabilidade no teste baseia-se em pesquisas empíricas, principalmente aquelas relacionadas à validação e normatização (Rovinski, 2007; Singer, Hoppe, Lee & Walters, 2008; Villemor-Amaral & Pasqualini-Casado, 2006).

Rovinski (2011), ao abordar o uso do Teste Rorschach em processos de guarda, mencionou alguns dados que devem receber atenção especial. Segundo a autora, é preciso observar como se apresentam as desordens do pensamento, a leitura da realidade, o humor, a cognição e o grau de ansiedade. Outros estudos com o Teste Rorschach em disputas de guarda demonstraram a presença de um número elevado de respostas personalizadas e resistência frente à tarefa do teste (Singer, Hoppe, Lee & Walters, 2008).

Ao revisar a temática de Alienação Parental foi possível observar que a maioria dos estudos mencionou a possibilidade da existência de manipulação de um dos genitores em

relação aos filhos no processo do divórcio altamente conflitivo. As características individuais dos envolvidos são descritas associadas ao fenômeno da Alienação Parental; porém, esse tema ainda precisa ser investigado para a compreensão de como essas características podem ou não influenciar na ocorrência do fenômeno.

É importante salientar também, que os estudos relacionados à Psicologia Jurídica ainda representam uma lacuna em termos de literatura técnica no Brasil (França, 2004; Lago & Bandeira, 2009; Rovinski, 2007). O fenômeno da Alienação Parental vem sendo pouco explorado em pesquisas empíricas, o que justifica a realização deste estudo, cujo objetivo foi analisar e compreender as características de estrutura de personalidade de pais e mães envolvidos no fenômeno da Alienação Parental.

### ***Método***

#### ***Participantes***

Participaram deste estudo três homens e três mulheres, ex-casais em disputa de guarda de filhos envolvidos no fenômeno da Alienação Parental. A caracterização dos participantes encontra-se na tabela 1.

**Tabela 1**  
*Identificação dos participantes*

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Classe Social</b>	<b>Idade dos Filhos</b>
<b>Dora</b>	35	E. Fundamental Incompleto	Classe Baixa	8 anos
<b>José</b>	46	E. Fundamental Incompleto	Classe Baixa	8 anos
<b>Beatriz</b>	32	E. Médio Completo	Classe Média	6 anos
<b>João</b>	41	E. Médio Completo	Classe Média	6 anos
<b>Taís</b>	23	E. Médio Completo	Classe Baixa	10 e 6 anos
<b>Marcelo</b>	28	E. Fundamental Incompleto	Classe Baixa	10 e 6 anos

### ***Procedimentos de coleta de dados***

O estudo teve um delineamento qualitativo-exploratório, com a utilização da técnica de estudos de casos múltiplos (Yin, 2005). Os participantes haviam sido encaminhados a uma clínica escola de uma universidade do sul do país pelo Poder Judiciário para avaliação psicológica. Antes de realizar a avaliação psicológica solicitada pelo Poder Judiciário, os participantes foram consultados sobre sua disponibilidade de realizar as entrevistas para a pesquisa.

Inicialmente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os participantes (ANEXO A). As entrevistas ocorreram de forma individual. Foram realizadas em média duas entrevistas semiestruturadas com cada participante, de acordo as particularidades de cada caso. Essas entrevistas investigaram os motivos que levaram à separação, condições atuais do relacionamento familiar, nível do conflito, descrição do vínculo dos filhos com cada genitor antes, durante e depois da separação ou divórcio. Posteriormente, foi realizada uma entrevista estruturada com cada um (ANEXO B), com o objetivo de obter maiores informações sobre sua história, bem como situações importantes vivenciadas ao longo da vida ligadas aos seus relacionamentos significativos (Cunha, 2003; Flick, 2009). Em seguida, o Teste Rorschach foi aplicado, o instrumento foi codificado e interpretado a partir do Sistema Compreensivo de Exner (1999). A análise das variáveis foi realizada com base em estudos normativos para a população brasileira (Nascimento, 2010). As entrevistas e a aplicação do Teste Rorschach foram realizadas por duas pesquisadoras, respectivamente.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da universidade à qual se vinculam as pesquisadoras e foi aprovado. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO C).

### ***Procedimentos de análise de dados***

Na primeira etapa, foi realizada uma descrição abrangente de cada caso, organizada de forma cronológica (seguindo os eventos importantes da história de vida dos participantes) e temática (identificando as categorias relevantes para o estudo em questão: indicadores de Alienação Parental, história do conflito conjugal, funcionamento psicodinâmico e características da estrutura de personalidade dos envolvidos). Nessa etapa, foram analisadas as entrevistas juntamente com os resultados do Teste Rorschach. Na Segunda etapa, foi utilizada a técnica de Construção da Explicação (Yin, 2005), com o objetivo de analisar exaustivamente os dados de cada estudo de caso e construir uma explicação sobre o mesmo. Na terceira etapa, foi utilizada a técnica de Síntese de Casos Cruzados (Yin, 2005), com o objetivo de confrontar os resultados obtidos na análise de cada caso, verificando convergências e divergências acerca da temática investigada.

### ***Resultados e Discussão***

#### **Caso 1: Dora e José <sup>1</sup>**

Dora e José são pais de Mariana, que tinha 8 anos na ocasião da avaliação e residia com a mãe. A separação do casal ocorreu antes do nascimento da menina. A união durou cerca de seis meses; porém, após o nascimento da filha, encontravam-se esporadicamente. O rompimento definitivo ocorreu quando Mariana estava com 4 anos. Na ocasião, os pais discutiram a guarda da menina na justiça. O pai entrou com uma ação alegando que a mãe maltratava a criança e dificultava o seu contato com ela. A mãe da menina, por sua vez, acusou o pai de abuso sexual.

A história de ambos os pais foi marcada por perdas precoces e significativas. José perdeu seu pai aos 6 anos de forma traumática, em um acidente presenciado por ele.

---

<sup>1</sup> Todos os nomes, assim como quaisquer informações que permitissem identificar os participantes, foram modificados.

Descreveu a figura paterna como um “*pai bom e trabalhador*” e salientou que “*foi muito triste*” presenciar a morte dele. Sua mãe faleceu quando ele estava com 20 anos. Foi enfático ao afirmar que possuía um ótimo relacionamento com ela, mencionando que ao perdê-la teve a sensação de ter “*perdido seu chão*”.

José aparentou ficar bastante mobilizado ao lembrar a perda de sua mãe: “*foi a mesma coisa que tirar um pedaço de mim*”. Logo após a morte dela se casou, pois tinha que “*tocar a vida*”, unindo-se a uma prima, de quem se separou após 13 anos de convivência. O motivo dessa separação foi a traição de sua ex-mulher. José ficou com a guarda de seus filhos e a separação ocorreu em meio a uma disputa judicial.

Dora também relatou uma história de vida sofrida. Quando tinha 2 anos de idade, seus pais se separaram em função de uma traição de seu pai. Seus sentimentos em relação à separação deles demonstraram que ela acreditou que o pai “*preferiu ficar com a outra*” abandonando a mãe e os filhos. Dora passou a vida longe dele, encontrando-o novamente na idade adulta, por ocasião do enterro de sua mãe.

Durante as entrevistas, Dora chorou ao narrar a infância longe do pai, demonstrando muito ressentimento com esta situação. Costumava ouvir, quando pequena, que “*seu pai aprontou para sua mãe, botando outra para dentro de casa*”. Seus relatos evidenciaram uma desvalorização da figura paterna, enquanto a figura materna foi descrita como alguém que “*supriu a falta do pai, uma amiga, que sempre dava bons conselhos*”.

Dora foi casada antes de conhecer José, e o relacionamento terminou durante a gestação de seu primeiro filho. Demonstrou muita dificuldade em se distanciar da figura materna, já que, em nenhum dos seus relacionamentos, conseguiu se desvincular da presença da mãe. Seus relatos evidenciaram a participação constante de sua mãe nas decisões importantes de sua vida, inclusive naquelas que diziam respeito aos seus relacionamentos afetivos.

Os motivos que levaram à separação de José, segundo Dora, referem-se fato dele não ter aceitado a gestação de Mariana, pedindo-lhe que fizesse um aborto. Ela também mencionou uma traição, ocasião em que teria ido chorar na casa de sua mãe. Contou que sua mãe não gostava de José e sempre enfatizou sua opinião de que o relacionamento dos dois “*não iria dar certo*”. José alegou como motivo do rompimento, o comportamento instável de Dora e a dificuldade dela em aceitar a convivência com os dois filhos do seu primeiro casamento.

Os indicadores de Alienação Parental que se apresentaram foram o discurso da mãe, denegrindo a imagem do genitor, inclusive acusando-o de abuso sexual sem que houvesse provas ou indícios da veracidade da acusação (mãe relatou ter encontrado pelos e manchas no meio das pernas da menina). A extensão da animosidade à família foi outro indicador presente, já que a sogra de José também apresentava um comportamento de rechaço em relação à presença dele na vida da filha e da neta. Com o tempo, José passou a ter muitas dificuldades para ver Mariana, e, no momento da avaliação, as visitas não estavam ocorrendo. O discurso de Mariana, durante as entrevistas, foi considerado ensaiado e com verbalizações que não são típicas das crianças de sua idade.

A análise do Teste Rorschach indicou que José possui poucos recursos cognitivos. Os índices apontaram para uma estrutura de personalidade na qual há um excessivo controle. Desta forma, ele pareceu se utilizar de mecanismos de defesa como a repressão, por possuir dificuldades de elaboração das vivências traumáticas. Este indicador sugeriu que esta é uma forma de evitar maiores sofrimentos e uma desorganização de seu mundo interno.

Foi possível observar, ainda, o índice de depressão positivo e a constelação de suicídio com sete variáveis presentes (encontrando-se no ponto de corte; para ser positivo, são necessárias oito variáveis). Neste caso específico, a depressão e a constelação de suicídio pareceram estar associadas aos sentimentos de desesperança em relação ao relacionamento

com sua filha. Ao se sentir uma vítima, José reagiu se deprimindo. Apresentou um índice de egocentrismo baixo, associado a prejuízos em captar as informações. Os dados do Rorschach revelaram que José é uma pessoa com condições adequadas de manter vínculos afetivos, aparentando ter necessidade de trocas afetivas. Esse é um dado que reforça a ideia de que ele é um pai que buscou a justiça por ter uma forte ligação com sua filha.

A análise do Rorschach demonstrou também sentimentos de baixa autoestima, associados a vivências de desamparo. Há uma distorção na percepção do outro e uma característica mais evitativa no âmbito relacional. Esses dados são sugestivos de um estado em que as demandas do mundo externo são maiores do que ele pode suportar. Neste sentido, os resultados do teste demonstraram o quanto José se sentia perturbado, justamente por estar sofrendo com a ausência da filha e com as acusações de abuso.

A análise qualitativa de suas respostas evidenciaram que José vem lutando contra sentimentos de hostilidade e ressentimento e que se sente mobilizado frente às denúncias de sua ex-mulher. Apresentou respostas de ferimento, machucado e sangue, demonstrando, através da projeção, suas fantasias em relação à acusação de abuso sexual.

Em relação à Dora, o Teste Rorschach apontou um resultado muito semelhante ao de seu ex-companheiro. O índice de depressão foi positivo, acompanhado da constelação de suicídio com sete variáveis positivas. O fato de Dora ter se deprimido pode indicar que sua vivência em relação a José foi a de uma ameaça real. Porém, apresentou uma distorção na percepção do outro e indicadores que remetem a características de imaturidade e infantilidade. Outros indicadores apontaram um funcionamento regressivo, com prejuízos na capacidade de discriminação (Viglione, 2004)

Os dados apontaram para um vazio relacional, que parece ter origem na relação simbiótica com sua mãe. Apesar de não apresentar indicadores típicos de ruptura com a realidade, há indícios de que, ao se sentir ameaçada em seu núcleo patológico (núcleo



simbiótico), pode perder o controle e romper com a realidade. O teste demonstrou que Dora possui um excessivo apego às suas próprias ideias. Segundo Exner e Sendín (1999) este é um indicador encontrado frequentemente em casais que brigam na justiça.

A análise qualitativa de suas respostas demonstrou que seus vínculos afetivos aparecem como frágeis e danificados. Na lâmina materna (Weiner, 2000), apresentou respostas de dois seres com cabeça de animais e com um vazio entre eles. Estes seres foram apresentados se olhando, mas com os corpos direcionados para lados opostos. Esta resposta evidenciou uma vivência primitiva e regressiva da relação com a mãe, podendo se estender para os outros vínculos afetivos. Suas respostas reforçaram a ideia de dificuldades para se vincular, uma vez que pareceu se sentir fusionada à mãe.

Em relação à dinâmica do relacionamento do casal, foram observadas algumas características importantes. Tanto Dora, quanto José viveram em famílias desfeitas por perdas precoces: ela, pela separação de seus pais e ele, pela perda traumática do pai. Após esses eventos, ambos se ligaram de forma intensa à figura materna. No caso de Dora, foi possível cogitar a hipótese de que tenha vivido uma situação de Alienação Parental durante a separação de seus pais. Desta forma, o carinho e atenção do pai José em relação à filha Mariana pode ter suscitado em Dora um sentimento de ameaça, afastando drasticamente o pai da vida da menina.

## **Caso 2: Beatriz e João**

O casamento de João e Beatriz durou aproximadamente treze anos, e eles tiveram dois filhos, Bruno e Ana que, na ocasião da avaliação, estavam com 10 e 6 anos, respectivamente. A união do casal foi marcada por brigas e desentendimentos, encontros e desencontros. No momento da avaliação, disputavam a guarda dos filhos. As crianças estavam residindo com a mãe, e as visitas ao pai não estavam ocorrendo. A separação ocorreu de forma tumultuada,

com acusações mútuas. Beatriz acusou o ex-marido de ser um homem violento, enquanto ele disse que foi vítima das “*armações*” dela. Entretanto, ambos admitiram que o relacionamento foi bastante conturbado, com brigas constantes presenciadas pelos filhos.

João foi criado no interior do estado em uma família com valores rígidos. Começou a trabalhar muito cedo, na roça, auxiliando seu pai. Descreveu sua mãe como uma pessoa boa e carinhosa. No entanto, sempre se sentiu mais próximo do pai, que segundo ele, era um homem honesto e trabalhador. Aos 17 anos saiu de casa para trabalhar em uma atividade que exerce até hoje.

Seus pais haviam se separado há treze anos, no momento da avaliação, em função do alcoolismo de seu pai. João descreveu o ambiente familiar como sendo de respeito aos pais, disciplina e dignidade. Seus pais levavam uma vida simples, mas criaram os cinco filhos com bastante dedicação. João mantinha relacionamento com ambos. Porém, costumava vê-los esporadicamente, por não residirem na mesma cidade que ele. Mesmo assim, costumava ajudá-los financeiramente sempre que precisavam.

Já Beatriz teve uma infância marcada pelo desamparo dos pais, que delegaram seus cuidados a um irmão doze anos mais velho que ela. Seus relatos evidenciaram uma relação de intensa dependência com este irmão, que morreu quando Beatriz tinha 12 anos. Sua revolta nessa ocasião foi tão grande que, ao voltar do enterro, quebrou todo o quarto do irmão. Sentiu muita raiva por ter sido “*abandonada*” por ele. Após a perda, voltou-se para os pais, como substitutos da figura do irmão.

Beatriz relatou que teve “*problemas*” após a morte do irmão, pois seus pais ficaram “*perdidos*” em relação à sua educação. Na ocasião, entrou em “*crise*”, pois considerava seu irmão “*pai, mãe, amigo, tudo*”. Teve muita dificuldade em aceitar os limites que seus pais tentavam lhe impor. Em função disso, brigas e desentendimentos aconteciam com frequência. Com 17 anos se casou pela primeira vez, contra a vontade de seus pais, e essa união durou

sete meses. Quando decidiu se separar, teve o apoio de seu pai que, nessa ocasião, “*virou seu melhor amigo*”.

João e Beatriz viveram na casa dos pais dela por quatro anos, no início do relacionamento. Durante esse período, apresentou conflitos com seus pais por eles não gostarem de João. Sobre o relacionamento conjugal, ambos relataram muitas brigas e um ambiente difícil em casa. O casal estava separado quando Beatriz descobriu que estava grávida do primeiro filho. Reataram logo em seguida, mas ela o acusou de ter rejeitado o menino, pedindo que fizesse um aborto. Durante a união, tiveram várias separações, com histórico de agressões mútuas, muitas delas registradas na polícia.

Beatriz acusou João de ter um temperamento difícil. Segundo ela, ele a agredia, a traía e tratava mal o filho mais velho. Na ocasião do rompimento definitivo, durante uma briga, Beatriz chamou a polícia alegando que João teria se descontrolado e quebrado vários objetos em casa. João, por sua vez, afirmou que foi vítima de uma “*armação*” e que Beatriz teria puxado uma toalha de mesa, derrubado objetos e saído correndo chamando por “*socorro*”.

Entre os indicadores de Alienação Parental, foi possível observar o discurso de Beatriz denegrindo a imagem de João. Isso ficou evidente nas entrevistas, nas quais se ocupou mais em narrar o comportamento de seu ex-marido do que em falar dela própria. A linguagem das crianças também foi considerada ensaiada e não própria para a idade (a filha mais nova narrou os acontecimentos referindo-se ao “*tibunal*”). A família de Beatriz rompeu o vínculo com João após a separação, dando total apoio a ela durante o processo.

Os dados do Teste Rorschach evidenciaram que Beatriz foi extremamente resistente frente à tarefa. Em função disso, os dados foram analisados com cautela, pois foi possível perceber uma intenção consciente de não se mostrar através do teste. Os resultados apresentados foram escassos e as respostas de forma pura predominaram. Ainda assim, o

índice de déficit relacional foi positivo, revelando uma inaptidão para os aspectos relacionais, com distorção na percepção e discriminação do outro.

Beatriz apresentou um número elevado de respostas personalizadas no Rorschach, demonstrando aspectos de um autoritarismo infantil em sua organização psicológica. Exner e Sendín (1999), ao discorrerem sobre situações de simulação e fingimento no Rorschach, destacaram que as respostas personalizadas são frequentes em pais envolvidos em disputas de guarda. Este aspecto pareceu estar associado a uma necessidade de dar o melhor de si e de buscar reassegurar que sua posição no conflito é a mais adequada e correta.

Do ponto de vista qualitativo, Beatriz expôs, na primeira lâmina, sua confusão e sua dificuldade na capacidade de discriminação (Viglione, 2004) ao perceber “*uma mistura de uma abelha com um morcego*”. Para Weiner (2000), a primeira lâmina do teste Rorschach funciona como um estímulo para que a pessoa se apresente como ela é, demonstrando assim, como lida com situações novas e perturbadoras.

Beatriz não apresentou movimentos com pares e demonstrou ser uma pessoa mais controlada, com dificuldade de externalizar o afeto de forma espontânea. Com isso, foi possível cogitar a hipótese de que tenha dificuldades em estabelecer relações maduras, pois suas vivências infantis remetem a vínculos de dependência e desorganização frente ao ambiente familiar e às figuras materna e paterna.

O teste Rorschach de João evidenciou índices de depressão e de constelação de suicídio positivos. A constelação de suicídio pareceu estar relacionada a sentimentos de desesperança frente ao distanciamento dos filhos. Não ficou evidente qualquer tipo de ideação suicida durante sua avaliação. João apresentou indicadores que remetem à presença de pensamentos intrusivos, provavelmente associados a revivências de situações traumáticas em que esteve envolvido.

Em seu protocolo apareceram respostas personalizadas, demonstrando, assim como sua ex-mulher, características autoritárias infantis. Foram encontrados indicadores que revelaram dificuldades no controle dos impulsos. Esses dados são sugestivos de uma personalidade de alguém que também parece apresentar dificuldades em estabelecer relações maduras.

Os indicadores do Rorschach revelaram ainda movimentos com pares como: “*homem e mulher se beijando*”, “*um casal brigando, com um bercinho no meio e cada um puxando para um lado*”. A análise qualitativa dessas respostas evidenciou o impacto que o litígio vem exercendo em seu psiquismo. Na primeira lâmina, percebeu “*mãozinhas de criança querendo colo, erguendo os bracinhos*”. Durante o inquérito do teste, disse que se lembrava de sua filha, já que a mesma costumava lhe pedir colo daquela forma.

A união desse casal chamou atenção por apresentarem um relacionamento muito explosivo. Ambos pareceram funcionar como disparadores das vulnerabilidades do outro. Desta forma, enfrentavam-se quase que diariamente como duas crianças enfurecidas. É possível supor que ambos contribuíram para que o relacionamento não prosperasse. Porém, não foram encontrados elementos que justificassem o afastamento de João dos filhos.

É provável que Beatriz esteja repetindo um padrão de relação mais infantilizada com seus filhos, já que afirmou que deseja ser muito mais a “*amiga*” do que a mãe. Seus motivos para afastar o ex-cônjuge da convivência com os filhos pareceram estar ligados a sentimentos de raiva que ela própria sente dele, não conseguindo discriminar os sentimentos e as necessidades dos filhos.

### **Caso 3: Taís e Marcelo**

Taís e Marcelo se conheceram muito jovens, ela com 15 e ele com 20 anos. Após um mês de relacionamento, foram morar juntos, na casa dos pais dela. Taís engravidou do filho

Igor aos 16 anos. O menino estava com 6 anos na ocasião da avaliação. Durante o relacionamento, o casal teve muitas brigas, pois ela desconfiava que Marcelo não fosse fiel. Já Marcelo contou que sua ex-mulher era muito ciumenta e que foi isso que fez com que o relacionamento não desse certo. No momento da avaliação, estavam envolvidos em um processo de regulamentação de visitas movido pela mãe de Marcelo.

A infância de Marcelo foi marcada pela perda precoce de seu pai, quando tinha 6 anos de idade. A situação foi bastante traumática, um acidente que até hoje não foi bem esclarecido para ele. Naquela ocasião, *“ninguém falou nada para mim, eu não sabia o que estava acontecendo”*. Antes de perder seu pai, sentia-se muito próximo dele e disse que, quando criança, costumava ir ao armazém e voltava ao ouvir o *“assobio”* de seu pai. Contou: *“no dia da morte demorei um pouco, ouvi um grito, voltei correndo e ele não estava mais lá”*.

O relacionamento com sua mãe foi descrito como bastante próximo, já que a mãe passou a criar os três filhos sozinha. Marcelo referiu: *“ela foi amiga, foi uma mãe, foi pai, me deu amor, carinho”*. Costumava conversar com sua mãe, falar sobre o que sentia: *“a minha mãe sempre foi mais para mim, até hoje”*. Narrou bastante sofrimento com a ausência do pai, principalmente em datas especiais, mencionando *“Deus foi cruel, esse é meu sentimento”*. Marcelo refez sua vida, tem um novo relacionamento e mora *“na casa dela”*.

Já Taís narrou uma infância *“tranquila”* em que se sentia mais próxima de sua mãe, já que seu pai *“trabalhava muito”* e não se envolvia na educação das filhas. Relatou a relação com sua mãe dizendo que ela sempre foi sua amiga, dava-lhe conselhos, destacando que *“quando eu queria pedir alguma coisa era só com a minha mãe”*. Até os 12 anos de idade costumava dormir na cama de seus pais com certa frequência. A relação com a mãe passou a ficar abalada quando Taís se envolveu com Marcelo. Seus pais não aceitavam sua união com ele. Porém, sentia-se *“cega e apaixonada”* e passou a não escutar os conselhos de sua mãe.

Os pais, percebendo que a filha estava muito envolvida e que estavam perdendo o controle da situação, ofereceram parte da casa deles para que fosse viver com Marcelo. Ela acabou engravidando de forma precoce, ainda na adolescência. Mesmo assim, ambos afirmaram que o filho foi desejado e planejado. O menino Igor nasceu com problemas cardíacos, necessitando de cuidados especiais desde o nascimento. Durante seus relatos Taís desqualificou a figura de sua ex-sogra diversas vezes, denotando uma competitividade com ela. No momento da avaliação, estava em um novo relacionamento e o rapaz estava morando na casa dos pais dela. Enfatizou diversas vezes o quanto seu filho gostava de seu novo companheiro, fazendo questão de chamá-lo de “pai”.

O relacionamento de Taís e Marcelo durou três anos e terminou, segundo ela porque Marcelo batia nela e no filho. A separação foi conturbada, com muitas brigas e vários registros policiais. Taís contou que a maior briga ocorreu por causa de uma geladeira que estava sendo disputada entre os dois. Na primeira vez em que Marcelo buscou o filho para uma visita, Taís escreveu em um papel tudo o que o menino podia e não podia fazer e comer e fez Marcelo assinar. Para ela, Marcelo e sua mãe queriam andar com seu filho “*para cima e para baixo como um troféu*”. Já Marcelo disse que não queria se separar, mas confirmou que o ciúme de ambos era muito grande, o que deteriorou a relação.

O rompimento final ocorreu em uma ocasião em que brigaram e, segundo ela, ele rasgou suas roupas. Taís acusou o ex-marido de usar drogas, ser agressivo e passar muito tempo fora de casa. Contou que ele não era um bom pai, que batia e não cuidava bem do menino. Já Marcelo queixou-se da influência negativa de sua ex-sogra dizendo que ela era muito “*temperamental*” e que depois da separação ficou muito difícil ver seu filho.

Os indicadores de Alienação Parental apareceram de forma clara no discurso de Taís. Ao narrar o relacionamento de seu filho com o pai e com a família paterna os desqualificou, mostrando acreditar que o contato com eles não fazia nenhuma falta ao menino. Referiu-se o

tempo todo a “*aquela gente*”, afirmando que eles “*não amam o Igor*”, dando a entender que o processo judicial de regulamentação de visitas foi movido apenas “*para fazer desaforo*”. Quando o relacionamento terminou, os pais de Taís ficaram muito abalados, passando a rechaçar a ideia da aproximação de Marcelo com o filho.

Os indicadores do Teste Rorschach de Marcelo revelaram um índice de depressão positivo, constelação de suicídio positiva e déficit relacional positivo. Esses componentes são sugestivos de um estado depressivo com sentimentos de desesperança, associados à falta de recursos internos para lidar com a complexidade das vivências da separação.

Os dados do teste demonstraram características de uma organização de personalidade em que as demandas do mundo externo são maiores do que os recursos do mundo interno. Foram constatados sentimentos de baixa autoestima e elevada ansiedade. Neste sentido, ficou claro que as emoções estavam atrapalhando o seu funcionamento psicológico. Outros indicadores sugeriram a presença de uma distorção na percepção do outro, com dificuldades na capacidade de discriminação.

A análise qualitativa de suas respostas evidenciou uma diminuição significativa dos movimentos com pares. Marcelo só apresentou uma resposta desse tipo e ainda assim foi de um movimento inanimado: “*fogos de artifício explodindo*”. Ao narrar suas percepções na lâmina quatro, a qual Weiner (2000) relacionou com a figura paterna, Marcelo viu “*um corpo humano aberto*” e “*uma folha rasgada*”. Essas respostas denotaram como seus objetos internos encontravam-se identificados com uma figura paterna destruída. Por ter tido uma vivência de perda precoce e traumática do pai, pode-se supor que essa situação ainda se encontra viva em seu psiquismo.

Já o protocolo do Rorschach de Taís demonstrou características narcisistas em seu funcionamento psicológico. Apesar de não apresentar um número baixo de respostas de figuras humanas inteiras, apresentou um número expressivo de figuras humanas de menor



qualidade. Pode-se cogitar a hipótese de que Taís tenha uma visão do outro influenciada pelo seu narcisismo, o que não deixa de ser uma distorção na percepção do outro.

Apareceram ainda, em suas respostas, indicadores de que Taís exerça um controle maior sobre suas emoções. Neste sentido, pode ser mais rígida quanto a processos de mudança. Esse dado, associado a um componente de narcisismo, demonstrou que ela sempre se acha correta, sendo menos sensível à posição dos outros. Isso ocorre por ela não se perceber com problemas, o que pode gerar dificuldade de empatia e de perceber as necessidades dos outros.

Do ponto de vista qualitativo, foi possível perceber, em todo seu protocolo, respostas simples tais como: “*morcego*”, “*borboleta*”, “*um sapato*”, “*dois pássaros*”. Taís apresentou movimentos com pares. Porém, alguns desses movimentos apresentaram relações implausíveis como “*bichos se dando as mãos*”. Para Exner e Sendín (1999), respostas como estas representam uma integração irracional dos dados, sugerindo desorganização e imaturidade.

Este caso ilustra bem a união de “duas crianças”, duas pessoas muito jovens e pouco preparadas para as demandas do mundo adulto. Ela com uma vivência de falta de limites, passando da cama dos pais para a cama do marido, já que aos doze anos dormia com os pais e aos dezesseis já estava grávida. Neste sentido, verificou-se um vínculo pouco estruturado, indiscriminado e com poucos limites. Já Marcelo pareceu ter uma relação muito intensa com sua mãe, passando a viver com as mulheres, com as quais se relaciona, uma relação de dependência.

É possível que, ao enxergar em sua ex-sogra uma concorrente ao amor de seu companheiro e de seu filho, Taís tenha sido tomada por sentimentos hostis, passando a rechaçar totalmente a presença do ex-marido na vida do filho. Ao sentir que o menino poderia vincular-se com a família paterna, sentiu-se diretamente atingida em seu narcisismo, já que

mencionou diversas vezes “*eles querem o meu filho*”. Desta forma, a Alienação Parental pareceu ser um caminho natural para esta mãe imatura e egocêntrica, encontrando terreno fértil para suas atitudes na passividade de Marcelo.

### ***Convergências entre os casos***

A análise dos dados obtidos nos três estudos de caso indicou como pontos em comum histórias de relacionamentos conturbados, permeados por imaturidade e com mães que concebiam a maternidade com uma noção de propriedade. Na verdade, utilizavam as crianças na tentativa de exercer um controle sobre o relacionamento de seus filhos com os pais. Em contrapartida, todos os pais avaliados apresentaram vivências depressivas em relação ao afastamento dos filhos, incrementadas por sentimentos de desesperança, denotando não acreditar na reaproximação com eles.

A literatura tem apontado que as mães costumam ocupar o papel de alienadoras e suas características individuais contribuem para a ocorrência do fenômeno da Alienação Parental (Bala, Hunt & MacCarney, 2010; Berns, 2001; Clawar & Rivlin, 1991; Calabrese, Miller & Dooley, 1987; Dunne & Hedrick, 1994; Johnston, 2003). Nos três casos analisados, as mães mantiveram conduta alienadora em relação aos filhos. O discurso observado foi unilateral, com posicionamentos rígidos, demonstrando inabilidade para os aspectos relacionais.

Dos seis participantes do estudo, cinco narraram histórias de intensa ligação com suas figuras de apego durante a infância, a maioria delas representada pela figura materna. Pôde-se observar que essas relações foram regidas por um padrão simbiótico de relacionamento. As principais características de estrutura de personalidade dos participantes encontram-se na Tabela 2.

**Tabela 2***Principais características da estrutura de personalidade dos participantes do estudo*

<b>Nome</b>	<b>Relações Objetais</b>	<b>Ansiedade Predominante</b>	<b>Principais Defesas</b>	<b>Outros achados do Rorschach</b>
<b>Dora</b>	História de rompimento precoce dos vínculos familiares e relação de dependência com a figura materna.	De perda do objeto vinculada a um núcleo simbiótico.	Negação, clivagem e Identificação projetiva.	Depressão, distorção na percepção do outro, imaturidade e prejuízo na capacidade de discriminação.
<b>José</b>	História de perda precoce da figura paterna, com intensa ligação à figura materna.	Ansiedade relacionada a vivências de acusação.	Evitação e repressão.	Depressão, desesperança, baixa autoestima e distorção na percepção do outro.
<b>Beatriz</b>	História de ligação simbiótica com o irmão, figura substitutiva da mãe.	De perda do objeto vinculada a um núcleo simbiótico.	Negação, clivagem e identificação projetiva.	Déficit relacional, distorção na percepção do outro, prejuízo na capacidade de discriminação e autoritarismo infantil.
<b>João</b>	História de separação dos pais na adolescência.	De perda do objeto com vivências associadas à separação.	Evitação	Depressão, desesperança, dificuldade no controle dos impulsos e autoritarismo infantil.
<b>Taís</b>	História de dependência da figura materna.	De perda do objeto vinculada a um núcleo simbiótico.	Negação, clivagem e projeção.	Narcisismo, rigidez para mudanças, dificuldade na capacidade de discriminação e imaturidade.
<b>Marcelo</b>	História de perda precoce da figura paterna, com intensa ligação à figura materna.	De perda do objeto associada às vivências da separação.	Evitação e negação.	Depressão, déficit relacional, sentimentos de desesperança, autoestima baixa e dificuldades na capacidade de discriminação.

Os dados expostos na Tabela 2 demonstram algumas características importantes. Foi observado um padrão de rompimento de vínculos precoce, com histórias de vínculos simbióticos. Desta forma, a ansiedade predominante nas mães foi a de perda do objeto, vinculada a um núcleo simbiótico. Os pais também apresentaram ansiedade de perda do objeto, mas foi possível perceber que esta ansiedade estava associada às vivências da separação e do afastamento dos filhos. Os mecanismos de defesa observados nas genitoras alienadoras foram de natureza primitiva, como a clivagem e a identificação projetiva. Já os pais, apresentaram defesas como a negação e a repressão. Os dados do Rorschach evidenciaram particularidades em cada participante, destacando-se a presença de distorção na percepção do outro, narcisismo e prejuízo na capacidade de discriminação.

Em relação às mães alienadoras observou-se um padrão regressivo no estabelecimento das relações objetais. Seus vínculos iniciais foram permeados por dependência e indiscriminação. Desta forma, não desenvolveram uma capacidade de manter vínculos afetivos maduros na vida adulta. Esse padrão assemelha-se ao que Bergeret (1988) descreveu como relação de objeto anaclítica. Esse é um tipo de relação de dependência que é vivida a dois, na qual a entrada de um terceiro pode ser vista como uma ameaça.

Para Bergeret (1988), na organização limite, a relação de objeto permanece centrada na dependência anaclítica do outro. Não se trata de um rompimento do ego, mas de uma reação defensiva. O ego deforma-se em algumas de suas funções e pode operar em dois registros diferentes: um adaptativo em situações em que não existam ameaças ao indivíduo e de outra parte, um registro anaclítico, desde que haja a ameaça de perda do objeto.

A história das três mães alienadoras pode ser comparada ao que a literatura descreve como patologias ou organizações limítrofes. Essas organizações caracterizam-se por apresentarem angústia de separação ou perda do objeto, difusão de identidade, clivagem, impulsividade, narcisismo, agressividade e impulsividade (Bergeret, 1988; Kernberg, 1995).

Foram observadas características compatíveis com algumas dessas descrições nas genitoras alienadoras. Em todas elas, um núcleo simbiótico foi identificado como a base de suas dificuldades, demonstrando assim que suas primeiras vivências geraram representações de indiscriminação e dependência, padrão repetido na relação com os filhos.

Os pais alienados também apresentaram histórias de rompimento de vínculos. Dois deles de forma precoce, com a perda real do pai. João, não perdeu seu pai, porém o descreveu como um homem alcoolista. É possível que, mesmo com a presença desse pai, a representação gerada foi de uma ausência, um pai que não estava em plenas condições de exercer a paternidade. Nos três casos analisados, os genitores apresentaram vínculos frágeis com a figura paterna. Todos os genitores apresentaram um resultado de depressão no Rorschach, o que demonstrou que o fenômeno da Alienação Parental, o afastamento dos filhos, os conflitos no processo judicial podem ter contribuído para esse resultado. Eles apresentaram também, sentimentos de desesperança frente à retomada do contato com seus filhos.

As estratégias utilizadas pelas mães para alienar os filhos do convívio com os pais foram semelhantes às descritas em outros estudos (Baker & Darnall, 2006; Bow, Quinnell & Zarof, 2002; Dias, 2006; Dunne & Hedrick, 1994; Gardner, 1987; Vassilou & Cartwright, 2001). Destacou-se a presença de argumentos ensaiados, falsa denúncia de abuso sexual, desqualificação do genitor alienado com discursos carregados de elementos hostis.

Os resultados do presente estudo permitem uma reflexão acerca de uma dinâmica relacional. Em todos os casos, foi possível perceber a conduta alienadora das mães, mas tanto as histórias colhidas, como os resultados do teste Rorschach, demonstraram que os pais também apresentaram particularidades e dificuldades que, de certa forma, contribuíram para a existência do fenômeno da Alienação Parental. Nessa perspectiva, não existe uma vítima ou

um culpado e sim uma dificuldade de todos os envolvidos de estabelecer uma outra forma de relacionamento.

### *Considerações Finais*

Os resultados obtidos na análise dos estudos de caso vêm ao encontro de alguns aspectos descritos na literatura. A Alienação Parental tem sido compreendida como um processo em que todos os envolvidos têm uma participação. Desta forma, observou-se que não é possível reduzir a compreensão do fenômeno na perspectiva da existência de uma vítima e um culpado.

Em todos os casos, observou-se uma dificuldade no estabelecimento de relações maduras e estáveis, e relações objetais permeadas por perdas precoces, conflitos e ambivalências. Desta forma, os vínculos constituídos pelos participantes mostraram-se frágeis, instáveis e sujeitos a rupturas. Além disso, foi observada, nas mães alienadoras, a presença de defesas primitivas e intensa ansiedade de separação. Os resultados das mães alienadoras apontaram para características compatíveis com as das organizações limítrofes de personalidade.

Outro fator que mereceu destaque, nesta pesquisa, foi a identificação de um núcleo simbiótico nas mães alienadoras. Esse núcleo agiu como força motivadora para suas dificuldades relacionais. Este é um achado que confirma o que vem sendo apontado na literatura: as características individuais dos envolvidos têm importância significativa para a compreensão do fenômeno.

Em relação aos pais alienados, todos apresentaram indicadores positivos para depressão com um sentimento de desesperança intenso. Foi possível observar, em todos os casos analisados, que as dificuldades de relacionamento com as mães alienadoras eram

anteriores à separação. Os relacionamentos eram permeados por características de imaturidade, pouca discriminação e, em dois casos, com a presença de impulsividade.

É relevante considerar a importância da realização de novos estudos qualitativos que possam contribuir para um melhor esclarecimento do fenômeno da Alienação Parental e suas particularidades. Como os achados dizem respeito a uma dinâmica relacional, seria interessante que novos estudos explorassem essa questão, avaliando mais profundamente a formação e o rompimento dos vínculos afetivos dos envolvidos no fenômeno.

### ***Referências Bibliográficas***

Aguilar, J.M. (2007). *Síndrome de alienación parental: hijos manipulados por un cónyuge para odiar al outro (4ªed.)*. España: Almuzara.

Bala, N., Hunt, S. & MacCarney, C. (2010). Parental alienation Canadian court cases – 1989-2008. *Family Court Review*, 48, 164-179.

Baker, A. J. L. (2005). The long term effects of parental alienation syndrome: A qualitative research study. *American Journal of Family Therapy*, 33, 289-302.

Baker, A. J. L. & Darnall, D. (2006). Behaviors and Strategies Employed in Parental Alienation: A Survey of Parental Experiences. *Journal of Divorce & Remarriage*, 45, 75-99.

Bergeret, J. (1988). *Personalidade normal e patológica (2ªed.)*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Bernet, W. (2008). Parental Alienation Disorder and DSM-V. *The American Journal of Family Therapy*, 36, 349-366.

Berns, S. (2001) Parental alienation syndrome in the family court: magic bullet or poisoned chalice? *Australian Journal of Family Law*, 15, 191–214.

Bone, M.J. (2003). Parental Alienation Syndrome: Examining the Validity Amid Controversy. *The Family Law Section*, 1, 24-27.

Bow, J. N., Quinnell, F. A., Zaroff, M., & Assemany, A. (2002). Assessment of sexual abuse allegations in child custody cases. *Professional Psychology: Research and Practice*, 33, 566-575.

Calabrese, R. M.; Miller, J. W. & Dooley, B. (1987). The identification of alienated parents and children: Implications for school psychologists. *Psychology in the Schools*, 24, 145–150.

Clawar, S. S. & Rivlin, B. V. (1991) *Children held hostage: Dealing with programmed and brainwashed children*. Illinois: American Bar Association.

Cruz, R. M., Maciel, S. K. & Ramirez, D. C. (2005). *O Trabalho do psicólogo no campo jurídico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Cunha, J A. (2003). *Psicodiagnóstico – V. (5ª)*. Ed. Porto Alegre: Artmed.

Darnall, D. (1997). *New definition of parental alienation. What is the difference between parental alienation (PA) and parental alienation syndrome (PAS)?* Recuperado em 15 dezembro, 2009, em <http://www.parentalalienation.com/articles/parental-alienation-defined.html>

Darnall, D. (2010). *Beyond divorce casualties: reunifying the alienated family*. Plymouth, UK : Taylor Trade.

Dias, M.B.D. (2006). *Da alienação parental, o que é isso?* Jus Navegandi. Recuperado em 7 dezembro, 2009, em [HTTP://WWW.cefipoa.com.br/artigos.php?id=4&\\*h\\*sessd=b1041eb1c62568321b9bf8095d07097c](HTTP://WWW.cefipoa.com.br/artigos.php?id=4&*h*sessd=b1041eb1c62568321b9bf8095d07097c)

Dunne, J. & Hedrick, M. (1994). The parental alienation syndrome: an analysis of sixteen selected cases. *Journal of Divorce and Remarriage*, 21, 21–38.

Emery, R. (2005). Parental alienation syndrome: Proponents bear the burden of proof. *Family. Court Review*, 43, 8–13.



Escudero, A., Aguilar, L. & La Cruz, J. D. (2008). La lógica Del síndrome de alienación parental de Gardner (SAP): terapia de La amenaza. *Rev. Assoc. Neuropsiq.* 28, 283-305.

Exner, J.E. (1999). *Manual de classificação do Rorschach para o Sistema Compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Exner, J.E. & Sendín C. (1999). *Manual de interpretação do Rorschach para o Sistema Compreensivo*. São Paulo : Casa do Psicólogo.

Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.

França, F. (2004). Reflexões sobre a Psicologia Jurídica e seu panorama no Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6 (1), 73-80.

Freud, S. (1916). *Conferencias de introducción al psicoanálisis (v.16)*. Em Obras completas (1994). Argentina: Amorrortu editores.

Gardner, R. A. (1987). *The parental alienation syndrome and differentiation between fabricated and genuine child sex abuse*. New Jersey: Creative Therapeutics.

Gardner, R.A. (1998). *The parental alienation syndrome: a guide for mental health and legal professionals*. New jersey: Creative Therapeutics.

Gordon, R. M., Sroffey, R. & Bottineli, J. (2008). MMPI-2 findings of primitive defenses in alienating parents. *The American Journal of Family Therapy*, 36, 211-228.

Guardiola, M.G.T. (2006). Maltrato psicológico. *Cuad. Med. Forense*, 43, 103-116.

Gudjonsson, G. (1983). Suggestibility, intelligence, memory recall and personality: an experimental study. *British Journal Psychiatric*, 142, 35-37.

Johnston, J. R. (2003). Parental alignments and rejection: an empirical study of alienation children of divorce. *Journal of the American Academy of Psychiatry and the Law*, 31, 158–170.

Kelly, J. B. & Johnston, J. R. (2001). The alienated child: A reformulation of parental

alienation syndrome. *Family Court Review*, 39, 249–266.

Kernberg, O. (1995). *Transtornos graves de personalidade: Estratégias psicoterapêuticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Kopetski, L. M. (1998). Identifying cases of parent alienation syndrome, part II. *The Colorado Lawyer*, 7, 61–67.

Lago, V.M & Bandeira, D.R. (2009). A psicologia e as demandas atuais do direito de família. *Psicologia Ciência e Profissão*, 29 (2), 290-305.

Nascimento, R,S.G.F. (2010). *Sistema compreensivo do Rorschach: teoria, pesquisa e normas para a população brasileira*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rand, D.C. (1997). Parental Alienation Syndrome. *American Journal of Forensic Psychology*, 15, 72-92.

Rovinki, S. L. R. (2007). *Fundamentos da perícia psicológica forense*. São Paulo: Vetor.

Rovinki, S. L. R. (2011). O Rorschach e as técnicas projetivas no contexto forense. In Villemor-Amaral, A.E & Werlang, B.S.G. *Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica*. (pp. 107-119). Casa do Psicólogo: São Paulo.

Segura, C., Gil, M.J. & Sepulveda, M.A. (2006). El síndrome de alienación parental: una forma de maltrato infantil. *Cuad. Med. Forense*. 12, 43-44.

Singer, J., Hoppe, C.F., Lee, S.M. & Walters M.G. (2008). Child custody litigants: Rorschach data from a large sample. In Gacono, C.B. & Evans, F.B. *The handbook of forensic Rorschach assessment*. New York: Routledge.

South, S.C., Turkheimer, E. & Oltmanns, T.F. (2008). Personality disorder symptoms and marital functioning. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 76, 769-780.

Stein, L. M., & Pergher, G. K. (2001). Criando falsas memórias em adultos por meio de palavras associadas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14, 353-366.

Stein, L. M.; Feix, L. & Rohenkohl. (2006). Avanços metodológicos no estudo das falsas memórias: construção e normatização do procedimento de palavras associadas à realidade brasileira. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19, 196-205.

Stokkers, R. & Kormos, H. (2005). Parental Alienation Syndrome in the Netherlands. *The American Journal of Family Therapy*, 33, 303-317.

Vassilou, D. & Cartwright, G. F. (2001). The lost parents perspective on parental alienation syndrome. *The American Journal of Family Therapy*, 29, 181-191.

Viglione, D.J. (2004). *Rorschach coding solutions- a reference guide for the comprehensive system*. California: Trade Printing Services.

Villemor-Amaral, A.E. & Pasqualine-Casado, L.P. (2006). A cientificidade das técnicas projetivas em debate. *Psico-USF*, 11(2), 185-193.

Wallerstein, J.S. & Kelly, J.B. (1998). *Sobrevivendo à separação: como pais e filhos lidam com o divórcio*. Porto Alegre: Artmed.

Weiner, I. (2000). *Princípios da interpretação do Rorschach*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Yin, R.K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.

## SEÇÃO II

### **Características do Funcionamento Psicodinâmico de Crianças Envolvidas no Fenômeno da Alienação Parental**

#### ***Resumo***

A Alienação Parental é um fenômeno que tem sido observado associado ao divórcio altamente conflitivo. Este estudo investigou as características do funcionamento psicodinâmico de crianças envolvidas no fenômeno da Alienação Parental. Foi utilizada uma abordagem qualitativo-exploratória, adotando-se o procedimento de estudos de caso múltiplos. Foram realizadas entrevistas estruturadas e semiestruturadas com os pais e as mães, além de entrevistas na modalidade Hora de Jogo diagnóstica. O Teste das Fábulas foi aplicado nas crianças. Os resultados evidenciaram características de dependência, passividade, controle da expressão afetiva e inibição.

**Palavras-Chave:** Alienação Parental; divórcio; crianças; Teste das Fábulas.

### **Psychodynamic Functioning Traits of the Children Involved in the Parental Alienation Phenomenon**

#### ***Abstract***

Parental Alienation is a phenomenon that has been seen associated with highly conflicting divorces. The present study investigated the psychodynamic functioning characteristics of the children involved in the Parental Alienation phenomenon. A qualitative-exploratory approach was used together with a multiple case study procedure. Structured and semi-structured interviews were performed with the fathers and mothers, along with interviews in the diagnostic Game Hour modality. The Fables Test was employed with the children. Results indicated characteristics such as dependency, passivity, control of affective expression and inhibition.

**Keywords:** Parental Alienation, divorce, children, Fables Test.

#### ***Introdução***

O foco deste estudo foram as características do funcionamento psicodinâmico de crianças envolvidas no fenômeno da Alienação Parental. A literatura tem apontado o quanto as crianças têm sido envolvidas com as questões complexas associadas ao divórcio conflitivo de seus pais. (Brito, 2008; Calabrese, Miller & Dooley, 1987; Clawar & Rivlin, 1991; Costa Legnani, Penso, & Sudbrack, 2009; Darnall, 1997, 2010; Dunne & Hedrick, 1994; Ferres-

Carneiro, 2003; Gardner, 1987; Grzybowski & Wagner, 2010; Johnston, 1993, 2003; Kelly & Johnston, 2001; Nicholas, 1997; Ramires, 2003; Wallerstein e Kelly, 1998). Para as crianças essa etapa pode se tornar um momento assustador, no qual podem surgir sentimentos de tristeza, preocupação, rejeição, solidão, conflitos de lealdade, culpa e raiva.

Segundo dados do IBGE, no ano de 2009, ocorreram 219.969 separações judiciais e divórcios no Brasil. Destas, 75.696 foram não consensuais e 130.997 envolveram filhos menores. É importante destacar que estes foram os casos que chegaram a ser registrados; porém, devido ao fato de que muitas uniões e separações não são averbadas no Registro Civil, pode-se cogitar a hipótese de que o número de crianças e adolescentes envolvidos em conflitos e litígios familiares seja bem maior. Essa realidade gera preocupação, principalmente no que diz respeito aos impactos gerados no psiquismo de todos os envolvidos, em especial os filhos.

O conceito de Alienação Parental foi objeto de análise, inicialmente, pelo psiquiatra norte-americano Richard Gardner, na década de oitenta. Em seu trabalho, como pesquisador da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, e como psicoterapeuta de crianças e adolescentes, observou um comportamento que pensou ser resultado de uma “programação” ou “campanha” de um dos pais em relação aos seus filhos. Nessa situação, os filhos passavam a apresentar um rechaço importante em relação a um de seus pais. Uma característica importante desse enfoque é o destaque do papel da criança na produção do resultado da Alienação Parental.

Atualmente, sabe-se pouco sobre o tema, em função da produção científica restrita na área. Somado a isso, observou-se que os estudos relacionados à Psicologia Jurídica ainda representam uma lacuna em termos de literatura técnica no país (França, 2004; Lago & Bandeira, 2009; Rovinski, 2007). Com poucos subsídios teóricos, as intervenções clínicas tendem a ser difíceis e complexas.

Na tentativa de compreender melhor o fenômeno da Alienação Parental, profissionais, tanto do Direito como da Psicologia, têm se preocupado em discutir a questão. Uma clara demonstração disso é o fato de o debate em torno do fenômeno ter chegado ao Congresso Nacional brasileiro. Hoje, percebe-se que o conceito não é mais desconhecido pela sociedade, tornando-se, inclusive, objeto da Lei nº12318-10, que foi sancionada pelo Presidente da República em 26 de agosto de 2010. O principal objetivo da nova legislação é combater a Alienação Parental, protegendo crianças e adolescentes desse tipo de violência (Site oficial da Câmara dos Deputados, acesso em 03/06/2010).

O conceito inicial, que foi proposto por Gardner (1987), descreveu o fenômeno da Alienação Parental e foi ainda mais longe, propondo a definição de uma síndrome. Para Gardner, a Alienação Parental seria o processo de programar uma criança para que odeie um de seus genitores, sem que haja uma justificativa aparente ou real. Para o autor, a Síndrome de Alienação Parental (SAP) consiste em um fenômeno focado no comportamento da criança, no qual ela teria um papel ativo na produção do resultado. O fenômeno tem como principal característica o rechaço a um dos genitores, chamado de genitor alienado, com o consequente afastamento deste, e o reforço da ligação com o outro genitor, descrito como alienador.

Partindo dessa teoria, o papel da criança é significativo na manutenção do conflito. Assim, a sua contribuição no processo de alienação pode ocorrer por uma necessidade de proteção em relação ao genitor alienador. O sentimento de impotência da criança em relação ao conflito dos pais pode levá-la a escolher um dos lados. Assim, ela passa a ter uma contribuição própria e significativa no afastamento de um dos genitores (Gardner, 1987; Rand, 1997).

Para Gardner (1987) as crianças afetadas pelo problema podem apresentar alguns sinais e sintomas, como campanha para denegrir e odiar um dos pais, sem que haja justificativas lógicas para isso; ausência de ambivalência, situação em que a criança assume

como seus os argumentos contra o genitor alienado; apoio reflexivo ao genitor alienador; ausência de culpa e presença de argumentos que parecem ensaiados, com linguagem não própria das crianças. Esse processo pode ocorrer de forma leve, moderada ou grave, com o total afastamento entre a criança e o genitor alienado.

Essa classificação foi baseada nas diferentes intensidades das manifestações sintomáticas apresentadas pelos envolvidos. Na leve, a alienação é relativamente superficial. Nem sempre estão presentes todos os sintomas e, durante as visitas, o comportamento das crianças é normal. No tipo moderado, a alienação é mais importante, e os oito sintomas podem estar presentes. No tipo mais grave, os filhos denigrem o genitor alienado, que é considerado totalmente mau, enquanto o outro é totalmente bom. Durante as visitas, têm uma atitude oposicionista chegando, inclusive, a destruir alguns bens do genitor alienado. Neste caso, as visitas podem ser impossíveis: há possibilidade de ocorrer violência física, além de os sintomas estarem presentes com total intensidade (Darnall, 1997; Gardner, 1998).

Kelly e Johnston (2001), por outro lado, definiram a Alienação Parental como um processo e não como uma síndrome. Destacaram a existência de um *continuum* no relacionamento de pais e filhos, após a separação. Este *continuum* pode ser mais positivo, com afinidades preservadas e, no outro extremo, com total rejeição ao genitor alienado. Essa concepção não foi tão centrada no papel da criança e destacou a importância de se observar o relacionamento familiar como um todo. Assim, passou a se observar que o fenômeno da Alienação Parental é um processo dinâmico e que precisa ser compreendido nesta perspectiva.

Essa visão vai ao encontro da definição postulada por Darnall (1997, 2010), o qual propôs um conceito que dá uma maior ênfase ao fenômeno e não à síndrome. Ele destacou a importância do reconhecimento do papel de pais e filhos em um ciclo de alienação. Segundo essa concepção, a participação da criança ocorre por ela estar diretamente envolvida e por ser objeto de disputa.

Por outro lado, alguns estudos destacaram que as atitudes das crianças não são um fator determinante no processo de alienação. Essa participação acaba sendo natural e, muitas vezes, involuntária. Geralmente, os filhos sentem-se sem opção entre participar ou não do conflito. Os estudos com crianças apontaram que elas podem sentir-se sem escolha e acabam se aliando a um dos pais, como uma forma de se proteger dos efeitos do conflito (Calabrese, Miller & Dooley, 1987; Dunne & Hedrick, 1994; Johnston, 2003).

Essa forma de envolvimento no conflito parental pode aparecer quando as crianças deixam transparecer, em seu comportamento, que estão sendo manipuladas e assim, acabam atuando como alienadores secundários, aliando-se, na maioria das vezes, às suas mães (Baker, 2007; Bala, Hunt & MacCarney, 2010; Berns, 2001; Bow, Gould & Flens, 2009; Calabrese, Miller & Dooley, 1987; Clawar & Rivlin, 1991; Dunne & Hedrick, 1994; Johnston, 2003; Vassilou & Cartwright, 2001). Esse seria um processo resultante de manipulação, não envolvendo intencionalidade consciente dos filhos. Como resultado dessa manipulação, as crianças afastam-se do genitor alienado, passando a adotar uma conduta de passividade e dependência.

Outra temática que vem sendo relacionada ao fenômeno da Alienação Parental é a da falsa denúncia de abuso sexual (Bow, Quinnell & Zarof, 2002; Cárdenas, 2000; Dias, 2006; Gudjonsson, 1983). Essa seria uma tática utilizada pelos genitores alienadores para afastar o genitor alienado drasticamente da vida dos filhos. Muitas vezes, a narrativa de um episódio, durante o período de visitas, que possa configurar indícios de tentativa de aproximação incestuosa é amplificada, transformando o fato, verdadeiro ou não, em uma denúncia de incesto. O filho passa a ser convencido da existência de um fato e levado a repetir o que lhe é afirmado como tendo realmente acontecido. Assim, a criança começa a viver uma história falsa, com falsos personagens, mas que é sentida como verdadeira. Trata-se de uma memória



que resulta de uma sugestão externa. Tal fenômeno foi chamado de implantação de falsas memórias (Stein & Perguer, 2001; Stein & Rohenkohl, 2006).

Os danos que o fenômeno da Alienação Parental causa aos filhos foram descritos como maus-tratos psicológicos por autores que debateram o tema (Guardiola, 2006; Segura, Gil & Sepúlveda, 2006). Nessa situação, haveria um fracasso no reconhecimento da individualidade dos filhos. Os pais que mantêm conduta alienadora utilizam a criança para satisfazer suas próprias necessidades, demonstrando falta de habilidade para distinguir a realidade da criança de seus verdadeiros desejos.

Os impactos gerados no psiquismo das crianças envolvidas no fenômeno da Alienação Parental foi objeto de investigação no estudo realizado por Baker (2005). O autor constatou, em adultos que viveram situações de Alienação Parental na infância, episódios depressivos, problemas com alcoolismo e uso de drogas e sentimentos de culpa e vergonha em relação ao genitor alienado. Os resultados desse estudo chamam atenção por revelarem os efeitos da Alienação Parental em longo prazo.

Observa-se que o papel da criança no processo de alienação ainda não foi completamente esclarecido. Os estudos demonstraram que a criança participa do conflito, no entanto, não fica claro de que forma e o alcance dessa participação. A manipulação da criança é um aspecto convergente nos estudos, porém, faz-se necessário um melhor entendimento da questão. O fenômeno da Alienação Parental vem sendo pouco explorado em pesquisas empíricas, o que justifica o estudo proposto, cujo objetivo foi analisar e compreender as características do funcionamento psicodinâmico de crianças envolvidas nesse processo.

## ***Método***

### ***Participantes***

Participaram deste estudo quatro crianças envolvidas no fenômeno da Alienação Parental. A caracterização dos participantes encontra-se na Tabela 1.

**Tabela 1**  
*Identificação dos participantes*

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Classe Social</b>
<b>Mariana</b>	8	2º ano E. Fundamental	Baixa
<b>Bruno</b>	10	5º ano E. Fundamental	Média
<b>Ana</b>	6	1º ano E. Fundamental	Média
<b>Igor</b>	6	1º ano E. Fundamental	Baixa

### ***Procedimentos de coleta de dados***

O estudo teve um delineamento qualitativo-exploratório e utilizou a técnica de estudos de casos múltiplos (Yin,2005). Os participantes foram encaminhados a uma clínica de uma universidade do sul do país, pelo Poder Judiciário, para avaliação psicológica.

Inicialmente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (ANEXO A) e estruturadas (ANEXO B) com os pais e as mães das crianças. Essas entrevistas ocorreram de forma individual. Buscou-se, nas entrevistas, uma descrição da história das crianças e do conflito familiar, dos motivos que levaram à separação, condições atuais do relacionamento familiar, nível do conflito, descrição do vínculo dos filhos com cada genitor antes, durante e depois da separação ou divórcio (Cunha, 2003; Flick, 2009).

Posteriormente, foram realizadas duas entrevistas com cada criança. Foi utilizada a modalidade Hora de Jogo Diagnóstica, com o objetivo de observar a modalidade de brincar de cada uma. A Hora de Jogo Diagnóstica (Cunha, 2003; Efron, Fainberg, Kleiner, Sigal &

Woscoboinik,, 2003) foi proposta por ser um método no qual a comunicação da criança é exercida através da atividade lúdica, de modo a retratar e conceituar a sua realidade psíquica. A possibilidade de brincar leva à criação de um campo regido pelas variáveis internas da personalidade, servindo de elo entre realidade interior e realidade externa. Dessa maneira, o brincar foi compreendido como uma forma de comunicação entre a criança e o mundo externo (Winnicott,1975, 1979).

Em seguida, o Teste das Fábulas (Cunha & Nunes, 1993) foi aplicado. Ele foi utilizado por ser útil para a compreensão psicodinâmica dos casos e por se tratar de um instrumento que permite identificar crises situacionais e de desenvolvimento, conflitos neuróticos, transtornos neuróticos e psicóticos.

O projeto foi submetido previamente ao Comitê de Ética em Pesquisa da universidade à qual se vinculam as pesquisadoras e foi aprovado. Antes de realizar a avaliação psicológica solicitada pelo Poder Judiciário, os participantes foram consultados sobre sua disponibilidade de realizar as entrevistas para a pesquisa. Concordando em participar, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO C).

### ***Procedimentos de análise de dados***

Os dados foram analisados levando-se em conta o referencial teórico psicanalítico, especialmente, as contribuições dos teóricos das relações objetais, a revisão de pesquisas sobre Alienação Parental e a avaliação de conflitos inconscientes por meio do Teste das Fábulas. A estratégia analítica seguiu os passos descritos por Yin (2005).

Na primeira etapa, foi realizada uma descrição abrangente de cada caso, organizada de forma cronológica – seguindo os eventos importantes da história de vida dos participantes – e temática – identificando as categorias relevantes para o estudo em questão: indicadores de Alienação Parental, história do conflito parental e funcionamento psicodinâmico. Nessa etapa,

foram analisadas as entrevistas na modalidade Hora de Jogo Diagnóstica e os resultados do Teste das Fábulas.

A Hora de Jogo Diagnóstica foi avaliada segundo as categorias propostas por Efron *et al* (2003). Os indicadores analisados foram os seguintes: a escolha de brinquedos e de brincadeiras, modalidade de brincar, personificação (atribuição de papéis durante a brincadeira), criatividade, capacidade simbólica, tolerância à frustração e adequação à realidade. A análise do Teste das Fábulas seguiu o padrão proposto pelas autoras do instrumento.

Na segunda etapa, foi utilizada a técnica de Construção da Explicação, com o objetivo de analisar exaustivamente os dados de cada estudo de caso e construir uma explicação sobre os mesmos. Na terceira etapa, foi utilizada a técnica de Síntese de Casos Cruzados, com o objetivo de confrontar os resultados obtidos na análise de cada caso, verificando convergências e divergências (Yin, 2005).

## ***Resultados e Discussão***

### ***Caso 1 – Mariana<sup>2</sup>***

Mariana tinha 8 anos na ocasião da avaliação e residia com a mãe. Seus pais disputavam sua guarda em um processo litigioso. A separação do casal ocorreu antes do nascimento da menina. A união durou cerca de seis meses; porém, após o nascimento da filha, encontravam-se esporadicamente, e o rompimento definitivo ocorreu quando Mariana estava com 4 anos. O pai entrou com uma ação na justiça alegando que a mãe maltratava a criança e dificultava o seu contato com ela. A mãe da menina, por sua vez, acusou o pai de abuso sexual, acusação por ele negada.

---

<sup>2</sup> Os nomes, assim como quaisquer informações que identificassem os participantes desse estudo, foram modificados.

A relação de seus pais foi “*complicada*” desde a gestação. O contato com o pai sempre foi difícil, já que a mãe não era receptiva a essa proximidade. O pai relatou que a mãe ameaçava a filha para que ela contasse situações que nunca aconteceram. Disse que, quando a menina era bebê, a mãe “*tapava a cara da filha*” para ele não ver. Ele ainda fez acusações de maus-tratos, dizendo que a mãe deixava Mariana passar fome e que a usava para pedir dinheiro a ele. A mãe de Mariana descreveu o pai fazendo diversas acusações. Disse que ele beijava a filha na boca e que tinha encontrado pelos nas calcinhas da filha. Essas acusações foram averiguadas durante o processo judicial e nada neste sentido foi constatado.

Mariana mostrou-se uma menina inibida e cautelosa em suas expressões verbais e simbólicas. Ao chegar às entrevistas, mostrava-se ansiosa, olhava a entrevistadora e pedia a palavra. Dessa forma, suas entrevistas começavam sempre com relatos sobre o conflito de seus pais. Nessas ocasiões, costumava trazer queixas em relação ao pai, como “*ele vai no colégio me incomodar*”, “*ele fala mal da minha mãe*”, “*ele beijava minha boca*”. Depois que trazia esses relatos, Mariana demonstrava alívio, suspirando e dizendo “*agora já podemos brincar*”. Esse foi um padrão que se repetiu durante todas as entrevistas realizadas com ela.

Durante as entrevistas na modalidade Hora de Jogo Diagnóstica, preferiu jogos como Bingo, Banco Imobiliário e Memória. A sua forma de abordagem dos brinquedos foi evitativa e dependente, já que parecia esperar que a entrevistadora conduzisse a brincadeira. Durante o Jogo da Memória, trouxe suas lembranças em relação ao seu pai. Falou que achava o pai “*chato porque fazia coisa feia em mim*”. Ao mesmo tempo, afirmou que não tinha medo de seu pai, que eles brincavam juntos e que ela gostava quando ele colocava uma rede para ela se balançar. Logo após verbalizar sentimentos positivos pelo pai, Mariana pediu para trocar de jogo passando a jogar Bingo.

Segundo Efron *et al.* (2003), a expressão direta de situações conflitivas pode inibir total ou parcialmente a atividade lúdica, pois provoca um *quantum* de ansiedade intolerável

para o ego. Mariana optou por escolher brinquedos e brincadeiras mais concretas, como jogos estruturados. Sua modalidade de brincar foi monótona e pouco criativa. Ela não apresentou uma modalidade de brincar com figuras e distribuição de papéis, evidenciando dificuldades na capacidade de simbolização. A expressão do conflito de seus pais apareceu em seus relatos, indicando uma necessidade de participar ativamente, escolhendo ficar ao lado de sua mãe. Muitas vezes, durante as entrevistas, mostrou-se impaciente, deixando dúvidas sobre sua capacidade de tolerar frustrações. Quanto à sua capacidade de adequação à realidade, foi possível observar uma dificuldade de desprender-se do discurso de sua mãe, necessitando reproduzi-lo no contexto da Hora de Jogo. Desse modo, Mariana aparentou dificuldade de se adaptar à situação proposta, apresentando uma postura evitativa e mecânica.

Os resultados do Teste das Fábulas indicaram uma conduta dependente da aprovação da figura materna. A análise do teste indicou as seguintes características: sentimentos de solidão (Fábula 2); controle da expressão afetiva (Fábula 3); sentimentos de distanciamento afetivo de ambos os pais (Fábula 4); medo (Fábula 5 e 10); mecanismos de racionalização (Fábula 6); dependência e passividade (Fábulas 1, 6 e 7); temor à rejeição (Fábula 8) e aliança com a genitora (Fábula 9). Mariana foi extremamente controlada durante a tarefa, demonstrando estar ansiosa e preocupada. Para Argimon, Cunha e Werlang (2000) algumas crianças apresentam um controle da expressão afetiva, produzindo respostas que atendam a determinadas expectativas sociais.

As respostas de Mariana foram empobrecidas, dando a impressão de não saber o que fazer diante de situações novas e complexas. Esse aspecto pareceu estar conectado ao litígio de seus pais. Porém, foi possível observar um desejo inconsciente de estar próxima de seu pai e de conseguir se separar do conflito parental. Na fábula 7, ao ser questionada sobre como agiria diante do pedido da mãe para que lhe desse um objeto feito por ela, perguntou: “a

*criança está livre ou não?*”. Ficou pensativa e decidiu não dar o objeto à mãe. Nessa situação, Mariana demonstrou o quanto não se sente livre para fazer suas próprias escolhas.

As características de dependência foram percebidas na resposta “*o passarinho vai para a outra árvore junto com a mamãe*”. O distanciamento afetivo de ambos os pais foi evidenciado na resposta “*o pai e a mãe pegaram um avião para bem longe*”, e os sentimentos de medo na resposta “*medo de bicho papão*”. O resultado do teste demonstrou, ainda, a confusão gerada pelo litígio dos pais percebida na resposta “*a mãe ficou braba porque a menina saiu com o pai dela*”. Na última lâmina, Mariana referiu que a criança havia sonhado com “*um barulho dentro da casa dela*”.

Durante a aplicação do teste, pareceu confusa e apressada, chegando a mencionar “*eu nunca se lembro das coisas*”. Ao finalizar a tarefa, antes de se despedir da entrevistadora trouxe novamente um discurso de que vir às sessões a estava atrapalhando. Durante tal relato, apresentou várias pausas com riso nervoso dizendo: “*eu falo tudo errado, mas é só isso que eu tenho que falar*”.

O apoio reflexivo ao genitor alienador e a reprodução do seu discurso foram descritos como características da Alienação Parental (Calabrese, Miller & Dooley, 1987; Dunne & Hedrick, 1994; Gardner, 1987; Johnston, 2003; Rand, 1997). Foi possível observar que Mariana estava sendo diretamente influenciada por sua mãe. Em seu discurso, relatos como “*coitada da minha mãe*” soavam inadequados para uma menina tão pequena. Em vários momentos, expressava que estava falando a verdade e tinha uma necessidade de frisar isso diversas vezes durante as entrevistas.

Mariana demonstrou, durante a avaliação, características passivas e regressivas em seu funcionamento psicológico. Essa questão foi evidenciada por sua dificuldade de simbolização e inibição frente ao brinquedo. Apresentou dificuldades em contar, não sabia ler e sua fala

apresentava omissões e trocas de letras. É possível que o envolvimento no conflito dos pais tenha gerado um empobrecimento em suas expressões afetivas e cognitivas.

### ***Caso 2 – Bruno e Ana***

Bruno e Ana eram irmãos com 10 e 6 anos, respectivamente, e viviam com a mãe na ocasião da avaliação. Seus pais estavam em meio a uma disputa judicial pela guarda das crianças. A separação do casal foi marcada por brigas e agressões mútuas, muita delas, presenciadas pelas crianças. O pai foi retirado de casa algemado, após treze anos de união, por uma medida judicial, ocasião em que a mãe o acusou de agressão. Esta acusação foi rebatida pelo pai, que mencionou o temperamento instável de sua ex-mulher, alegando que ela havia feito uma “armação” para tirá-lo de casa.

Após a saída do pai, os filhos passaram a apresentar resistência em acompanhá-lo nas visitas determinadas pela justiça. A mãe, por sua vez, envolveu-se em um novo relacionamento, incentivando o contato dos filhos com o novo namorado, inclusive fazendo questão que eles o chamassem de pai.

A história da convivência familiar foi complexa desde a gestação de Bruno. Os pais chegaram a se separar, naquela ocasião, pois, segundo a mãe, o pai não teria aceitado bem a gravidez. Retomaram o relacionamento antes do nascimento do menino. A mãe de Bruno disse que o pai nunca se deu bem com o filho, dando preferência à filha. O genitor rechaçou os argumentos de sua ex-mulher, dizendo que ela era uma pessoa difícil e dependente emocionalmente dos pais.

Bruno iniciou a primeira Hora de Jogo contando, sem ser solicitado, que seu pai era emburrado, nunca o tratou bem e o chamava de “*bosta*” o tempo todo. Seu relato foi mecânico, com frases curtas, sem demonstrar emoção. Reproduziu a fala e as histórias contadas por sua mãe. Ao ser convidado a brincar disse que “*não estava a fim*” e voltou a



relatar a situação vivida com o pai. Durante essa entrevista, repetiu diversas vezes as mesmas frases, na maioria delas usando adjetivos para desqualificar seu pai. Bruno relatou os fatos do processo judicial demonstrando estar totalmente interado do assunto. Mencionou que seu pai passava o tempo todo pedindo dinheiro para a mãe, “*meu pai disse que só ia deixar a casa para minha mãe se ela desse 80 mil para ele*”.

No encontro seguinte, Bruno foi incentivado pela entrevistadora a brincar. Ficou pouco à vontade nessa situação. Não aceitou jogar ou realizar qualquer atividade em que os dois interagissem. Preferiu atividades como desenhar e trabalhar com massa de modelar. Dessa forma, ficou sozinho em seu brinquedo, sem ter uma interação com a entrevistadora. Fez desenhos simples de barcos, mar e montanhas. Com a massa de modelar fez um boneco, que chamou de “*palhaço*”. Logo após terminar seu boneco, o amassou.

Bruno foi extremamente contido na exposição dos afetos durante a Hora de Jogo Diagnóstica. Efron *et al.* (2003) salientaram que, na atividade lúdica, o brinquedo expressa o que a criança está vivenciando no momento. Sua modalidade de escolha de brinquedos e brincadeiras foi a de não brincar, já que, em um primeiro momento, não estava “*a fim*”. Sua relação inicial com a entrevistadora foi baseada em uma conversa como a de dois adultos. Ele estava preocupado em narrar fatos, não demonstrando interesse por brinquedos ou brincadeiras. Sua forma de brincar foi pobre de significados. O único papel que atribuiu foi o de um “*palhaço*” para um boneco de massa de modelar, que foi prontamente destruído por ele.

Em crianças pré-púberes, é comum que a personificação fique inibida, pois a criança percebe que é possível uma atuação real de suas fantasias no brinquedo (Efron *et al.*, 2003). Bruno demonstrou estar desconfortável em uma situação de dividir a brincadeira, preferiu brincar sozinho, foi desconfiado e pouco criativo. Ao construir algo durante a Hora de Jogo, imediatamente tratou de destruir, como se precisasse se certificar que nada restaria daquele

encontro, nenhuma atividade simbólica, nenhum vínculo, nenhuma pista sobre seus verdadeiros sentimentos. Essa atitude denotou um comportamento esquivo, com falas programadas e pouca espontaneidade. Apresentou dificuldades de tolerar um contato maior através de jogos e brincadeiras, aparentando ter necessidade de conversar como um adulto, narrando os fatos de maneira muito semelhante à de sua mãe.

O resultado do Teste das Fábulas revelou uma relação de dependência com a figura da genitora e características passivas. A análise do teste indicou as seguintes características: sentimentos de rivalização edípica (Fábula 2); controle da expressão afetiva (Fábulas 3 e 4); mecanismos de racionalização (Fábulas 4, 5 e 6); dependência e passividade (Fábula 7); sentimentos de rejeição (Fábula 8); aliança com a genitora (Fábula 9) e impulsos agressivos (Fábula 10).

As características de passividade e dependência em relação à figura materna foram percebidas na resposta *“a criança vai dar a torre de argila para a mãe, porque a mãe pediu”*. Bruno deixou evidente seu distanciamento do pai ao mencionar que *“o pai está emburrado e não fala com ninguém”*. As respostas de Bruno no Teste das Fábulas demonstraram, ainda, que ele vem adotando uma postura de aceitação da situação em que vive. Assim, evidenciou se distanciar dos conflitos, como se os problemas de sua família não o atingissem. Os resultados corroboraram a hipótese de que Bruno sentia-se em meio a uma situação caótica. Isso ficou evidente na resposta à fábula 10 em que o sonho descrito foi o *“do massacre do carinha da motosserra, um filme de um cara que é tri- forte, usa um avental branco cheio de sangue e toda hora dando tiro e correndo atrás das pessoas”*.

Foi possível observar um desinteresse total de se reaproximar de seu pai. Aliado a isso, Bruno demonstrou uma aliança muito intensa com a genitora. A literatura tem apontado que, indicadores de uma dependência patológica com o genitor alienador corroboram para um maior afastamento de genitor alienado (Dunne & Hedrick, 1994; Johnston, 2003). Bruno

descreveu a figura paterna como alguém pouco valorizado, dando a entender que seu pai é uma pessoa com quem não tem o menor interesse em conviver. Para Vassilou e Cartwright (2001), essas características são resultado de um processo de “sabotagem” dos pais alienadores, com a intenção consciente de denegrir a imagem do genitor alienado perante os filhos.

A irmã de Bruno, Ana, ao chegar para a primeira entrevista, precisou ceder parte de seu tempo para sua mãe, que estava muito ansiosa. A mãe passou a relatar fatos vivenciados em uma audiência judicial, que havia acontecido no dia anterior. Em sua fala, acusou o pai de seus filhos de falsificar documentos, de mentir, desqualificando-o na frente da menina. Quando Ana entrou na sala, adotou uma postura evitativa, respondendo à entrevistadora fazendo sinais com a cabeça, ou de forma simples, com frases como: “*não sei*”. Ao ser apresentada aos brinquedos, não esboçou interesse e disse: “*eu sei de uma coisa*”. Neste momento, a menina passou a narrar a última briga de seus pais, ocasião em que o pai foi retirado de casa algemado pela polícia. Ana contou que sonhava todas as noites com esse fato e que costumava acordar “*chorando*”.

Em todas as ocasiões em que se referiu ao pai, Ana o fez chamando-o pelo nome e não de pai. Por diversas vezes, disse que ele era muito bravo e contou as mesmas histórias que seu irmão e sua mãe contaram. Quando a entrevistadora fazia alguma intervenção, Ana mostrava-se impaciente. A menina ocupou a parte inicial da entrevista com um discurso permeado por muitas queixas em relação ao genitor. Ana demonstrou dificuldade em pronunciar algumas palavras, mas mesmo assim conseguiu referir-se ao “*tibunal*” e às “*bigas*” dos pais em casa.

Em outro momento, Ana pareceu mais relaxada brincando de panelinhas, fazendo comidinha, porém preferiu brincar sozinha enquanto a entrevistadora a observava. Brincou com tintas e logo foi para a casinha, escolhendo alguns bonequinhos. Nomeou o “*homem, a*

*namorada dele, o filhinho, a filhinha, o pai e um bebezinho*. Separou o pai dos outros dizendo que ele era um lutador e que *“eles bebem e se batem”*.

Os indicadores da Hora de Jogo demonstraram que Ana apresentou uma modalidade de brincar de aproximação lenta. Porém, conseguiu estruturar o campo e desenvolver uma atividade em que os brinquedos estavam envolvidos. Escolheu brincadeiras diversas, demonstrando, assim, capacidade simbólica, expondo suas angústias através do jogo. Ao atribuir papéis, a menina representou uma família muito parecida com a dela, na qual havia violência, eles bebiam e se batiam. Ana utilizou a criatividade, já que explorou o campo de estímulos da Hora de Jogo com seus conflitos associados à separação de seus pais.

De maneira geral, Ana apresentou-se de forma mais espontânea que seu irmão. Apesar de trazer um relato claramente planejado e ensaiado com sua mãe, conseguiu relaxar e deixou-se envolver pelas brincadeiras. Em um determinado momento, conseguiu contar coisas boas que fazia com seu pai, como ir à pracinha e brincar de comidinha. Denotou ter um vínculo positivo com ele antes da separação e conseguiu demonstrar essa vivência durante a Hora de Jogo Diagnóstica.

No Teste das Fábulas, Ana demonstrou um vínculo de dependência com a figura materna. A análise do teste indicou as seguintes características: dependência da figura materna (Fábulas 1, 6 e 7); sentimentos de solidão e medo (Fábulas 2 e 9); temor à rejeição (Fábulas 3 e 8); tristeza (Fábula 4); mecanismos de racionalização (Fábula 5); passividade (Fábula 7) e ansiedade de separação (Fábula 9 e 10).

A passividade em relação à figura materna estava associada a um temor de ser rejeitada pela mãe caso se aproximasse do pai, como ficou evidente em sua resposta: *“a mãe botou a filha de castigo e disse para o pai ir embora da casa dela”*. Foi observada uma sensação de iminência de perda do afeto materno e uma intensa ansiedade de separação. Ana apresentou respostas em que uma criança *“estava assustada”* e despertava de um sonho

gritando “*socorro*” enquanto a mãe estava lhe preparando uma “ *festa surpresa*”. Neste sentido, há evidências do temor que Ana sentia em relação ao controle exercido por sua mãe durante o conflito parental. Foi possível perceber, em suas respostas, o impacto que o litígio dos pais vinha exercendo em seu psiquismo.

Ana demonstrou estar se sentindo triste frente ao distanciamento de seu pai. Suas respostas evidenciaram ansiedade intensa, denotando que a aliança e a dependência com a mãe poderiam impedir mudanças importantes em seu desenvolvimento. Ana pareceu bloqueada frente ao conflito de seus pais, sentindo-se impedida de ser livre e espontânea. Também apresentou mecanismos de defesa como a racionalização; porém, suas respostas frente ao Teste das Fábulas denotaram um maior envolvimento de simbolismos do que as de seu irmão.

Foi possível perceber o quanto Ana estava mobilizada com o distanciamento de seu pai. O relacionamento dos dois foi descrito por todos como sendo de intensa proximidade. Para a mãe, o pai dava preferência para a filha mulher. Ana vivenciava de fato uma relação de afeto e carinho com o pai. Certamente, afastar-se dele tornou-se um obstáculo com o qual vinha tendo que lidar desde a separação. Esses sentimentos são ambivalentes e levam a criança a perceber o quanto está se tornando um objeto de disputa para seus pais. A literatura tem apontado que vivências como essas podem trazer muitos prejuízos para as crianças, como intenso sofrimento psíquico, confusão sobre o papel dos pais, culpa, raiva, solidão e rejeição (Costa, Legnani, Penso & Sudbrack, 2009; Ferres-Carneiro, 2003; Johnston, 2003; Wallerstein & Kelly, 1998).

### ***Caso 3 – Igor***

Igor estava com 6 anos na ocasião da avaliação. Residia com a mãe, o namorado dela e com os avós maternos. A avó paterna do menino havia entrado com uma ação de

regulamentação de visitas para ter o direito de ver o neto. O pai do menino não o via há um ano e meio e relatou que, desde a separação do casal, ocorrida 4 anos antes, sua ex-mulher dificultava as visitas ao filho. O pai já estava cansado, pois, depois de várias tentativas na justiça, não havia conseguido retomar o contato com o menino.

O relacionamento dos pais de Igor foi marcado por muito ciúme de ambas as partes. Eles eram muito jovens; a mãe tinha 16 anos quando ficou grávida. O casal foi morar na casa dos pais dela e nunca teve uma vida independente. Ambos tinham relacionamento muito próximo de suas mães e essa situação dificultava a vida a dois. Para o pai de Igor, ver o filho significava ter que transpor vários obstáculos. Segundo ele, o menino era impedido de vê-lo, e a mãe o incentivava a “*virar a cara*” para o pai. A mãe do menino acusou o pai de ser “*barraqueiro*” e registrou vários boletins de ocorrência na polícia contra ele. Seu relato evidenciou um rechaço muito grande à família paterna de seu filho, enfatizando que “*aquela gente só queria incomodar*”.

Durante a Hora de Jogo Diagnóstica, Igor demonstrou dificuldade em se separar de sua mãe. Chorou e não aceitou entrar sozinho na sala de brinquedos com a entrevistadora. Precisou ser amparado pela mãe, que o acompanhou durante o primeiro encontro. O menino ficou calado a maior parte do tempo, no colo da mãe. Após algumas intervenções da entrevistadora, Igor demonstrou interesse pelos brinquedos. Começou a desenhar uma casa, dizendo que quem morava ali era sua família. Nomeou todos, mencionando que o pai morava na casa, porém estava se referindo ao novo namorado de sua mãe.

Durante as entrevistas na modalidade Hora de Jogo, Igor foi bastante contido. Preferiu jogos estruturados, como Bingo e Memória. Não fez referência ao pai e, em determinado momento, afirmou nem mesmo lembrar-se dele ou da família paterna. Manifestou interesse em desenhar e seus desenhos foram ricos em detalhes e coloridos. Porém, quando a entrevistadora manifestava interesse pelos desenhos, Igor não ficava à vontade de falar sobre

eles, muitas vezes ficando calado. A atitude do menino, durante as entrevistas, denotou um comportamento extremamente inibido. Ele aparentou ser uma criança frágil e triste, com um comportamento regressivo e contido.

Os indicadores da Hora de Jogo evidenciaram uma aproximação ao brinquedo inicialmente à distância. Igor conseguiu realizar uma aproximação, mas ela foi evitativa e lenta, pois foi possível perceber um controle muito grande em seu comportamento. Para Efron *et al.* (2003), quando a criança demonstra riqueza de recursos egoicos para expressar situações diferentes na Hora de Jogo, ela estará demonstrando plasticamente seu mundo interno. Igor brincou o mínimo possível, sem assumir papéis, evidenciando pouca criatividade e quase nenhuma capacidade simbólica. Igor apresentou, ainda, baixa tolerância à frustração, demonstrando dificuldades de adequação à realidade.

No Teste das Fábulas, mostrou-se muito ansioso, dando a impressão de que as fábulas o mobilizaram bastante. Apresentou receio e insegurança ao responder à tarefa do teste. A análise do teste indicou as seguintes características: identificação com a figura paterna (Fábula 1); sentimentos de solidão (Fábula 2); controle da expressão afetiva (Fábula 3); tendências depressivas (Fábula 4); ansiedade de separação (Fábulas 5 e 10); medos arcaicos (Fábula 5); mecanismos de racionalização (Fábulas 6 e 8) e temor de ser castigado pela mãe (Fábula 9).

Os resultados do Teste das Fábulas apontaram o quanto Igor apresentava um sentimento de solidão frente ao conflito dos pais quando emitiu a resposta “*a festa do papai e da mamãe não está boa, o menino não tem ninguém para brincar*”. As respostas de “*medo de escuro*” e “*o menino sonhou que perdeu a mãe dele*” evidenciaram que, ao se deparar com as dificuldades advindas do litígio parental, Igor apresentou sentimentos de medo e ansiedade de separação.

Igor demonstrou pouca espontaneidade durante os encontros, parecendo estar assustado. Evidenciou um distanciamento da figura paterna e não trouxe espontaneamente qualquer relato sobre o conflito dos pais. Foi solicitado pela entrevistadora a falar sobre o relacionamento com seu pai; porém, ficou evidente seu retraimento, passando a impressão de estar pouco à vontade. Nesse momento, foi superficial e econômico com as palavras, denotando apresentar poucas memórias dessa relação. Esse aspecto exemplificou que o afastamento gradativo e a desvalorização do genitor alienado vão gerando na criança um desapego e um distanciamento da figura, que antes era objeto de carinho e atenção (Baker, 2005; Baker & Darnall, 2006; Calabrese, Miller & Dooley, 1987; Dunne & Hedrick, 1994; Johnston, 2003).

### *Convergências entre os casos*

Os resultados obtidos nos três estudos de caso indicaram, como pontos em comum, histórias de crianças privadas do contato com seus pais, sem uma justificativa consistente para o afastamento. Em todos os casos, apareceram indicadores de Alienação Parental, como o discurso das genitoras, denegrindo o genitor alienado e o comportamento de desinteresse dos filhos em retomar o contato com seus pais (Darnall, 2010; Gardner, 1987). As crianças apresentaram um comportamento com características de retraimento, inibição e pouca espontaneidade. Uma síntese dos indicadores de Alienação Parental, dos resultados da Hora de Jogo e do Teste das Fábulas está descrita na Tabela 2.



**Tabela 2***Indicadores de Alienação Parental, Resultados da Hora de Jogo e Teste das Fábulas*

<b>Nome</b>	<b>Indicadores de Alienação Parental</b>	<b>Hora de Jogo</b>	<b>Teste das Fábulas</b>
Mariana	Falas programadas, falsa denúncia de abuso sexual, distanciamento afetivo do genitor, apoio reflexivo à genitora e ausência de ambivalência.	Inibição, cautela, empobrecimento simbólico e criativo e dificuldades de adequação à realidade.	Dependência, passividade, solidão, controle da expressão afetiva, racionalização e repressão.
Bruno	Falas programadas, aliança com a figura materna, distanciamento afetivo do genitor, apoio reflexivo à genitora, extensão da animosidade à família e ausência de ambivalência.	Inibição, desconforto, controle dos afetos, desconfiança, baixa tolerância à frustração e dificuldades de adequação à realidade.	Dependência, passividade, controle da expressão afetiva, racionalização, repressão e sentimentos de rejeição paterna.
Ana	Falas programadas, distanciamento afetivo do genitor, apoio reflexivo à genitora, extensão da animosidade à família e ausência de ambivalência.	Aproximação lenta, inibição, impaciência e personificação de papéis agressivos.	Dependência, passividade, solidão, medo, tristeza, racionalização e ansiedade de separação.
Igor	Distanciamento afetivo do pai, extensão da animosidade à família, discurso materno denegrindo a imagem do pai e ausência de ambivalência.	Aproximação à distância, controle do comportamento, inibição, empobrecimento simbólico e criativo, baixa tolerância à frustração e dificuldade de adequação à realidade.	Dependência, solidão, controle da expressão afetiva, racionalização e ansiedade de separação.

Os dados obtidos na Tabela 2 evidenciaram alguns indicadores importantes de Alienação Parental como falas programadas, distanciamento afetivo do genitor alienado e ausência de ambivalência. Na Hora de Jogo, as crianças apresentaram empobrecimento criativo, dificuldade de atribuição de papéis nas brincadeiras e controle do comportamento. O resultado do Teste das Fábulas demonstrou características de dependência, ansiedade de separação, controle da expressão afetiva, passividade e sentimentos de tristeza e solidão. Os resultados apontaram para uma dificuldade de espontaneidade, sendo que as crianças assumiram uma postura retraída em todas as etapas do estudo.

Algumas particularidades foram constatadas no início das entrevistas na modalidade Hora de Jogo Diagnóstica. Três participantes apresentaram um discurso programado no momento inicial da Hora de Jogo. Nesta situação, as crianças mostraram-se ansiosas para relatar versões sobre o conflito dos pais. Essa dinâmica ocorreu sem nenhuma interferência da entrevistadora, e as crianças trouxeram espontaneamente o assunto para a entrevista. Tal aspecto demonstrou um comprometimento em verbalizar o que foi solicitado pelas genitoras, de forma ensaiada e programada. Foi possível observar que Ana e Mariana utilizaram termos como: *“eu sei de uma coisa”*, *“era só isso que eu tinha que falar”*, *“eu sempre se esqueço das coisas”*, *“como era mesmo que eu tinha que falar?”*.

Os achados do Teste das Fábulas apontaram para um funcionamento psicodinâmico no qual predominaram defesas como a racionalização e a repressão. Foram encontrados, ainda, indicadores da presença de medo, sentimentos de solidão, controle da expressão afetiva, dependência e passividade. A literatura tem apontado que essas características são comuns em crianças que sofreram um processo de Alienação Parental (Calabrese, Miller & Doley, 1987; Wallerstein & Kelly, 1998).

O controle do comportamento foi um aspecto presente em todas as etapas. Foram poucos os momentos em que as crianças ficaram à vontade. O ambiente familiar instável, a relação de dependência com suas mães e o compromisso em desqualificar o pai refletiram relações objetais permeadas por indiscriminação e pobreza afetiva. As características apontadas demonstraram que o nível de simbolização e a criatividade dos participantes estavam reprimidos, e o pensamento se mostrou concreto e racional demais para crianças tão pequenas. Para Winnicott (1979), a díade mãe-criança é uma unidade dinâmica, viva, interativa e que influencia diretamente as qualidades do mundo simbólico dos filhos. Quando a criança passa a ocupar o lugar de objeto transicional da mãe, uma ligação patológica passa a se estabelecer, na qual o filho só existe na dependência da existência da mãe (Goldstein,

1992). Trata-se de uma inversão de papéis, com efeitos que podem ser traduzidos em estados de angústia, temores, medo e desamparo. A relação que deveria ser estruturante para a criança, passa a funcionar como uma simbiose patológica, na qual a entrada de um terceiro passa a ser vista como uma ameaça.

Para Ramires (2004), crianças de oito a nove anos apresentam uma maior vulnerabilidade frente às transições familiares. Como consequência negativa do processo de separação está a desestabilização do que Winnicott (1999) chamou de um ambiente facilitador. Para o autor, uma boa condição ambiental traz uma maior satisfação das necessidades das crianças, proporcionando a elas a realização de trocas afetivas adequadas. Assim, as vivências associadas ao divórcio poderão atuar como facilitadores ou como obstáculo à saúde mental.

As características das crianças avaliadas refletiram as dificuldades vivenciadas com a separação dos pais. Elas apresentaram um funcionamento psicodinâmico marcado por características de imaturidade e dependência, com conflitos de separação-indivuação, pobreza de fantasias e fragilidade na organização egoica. Esse resultado evidenciou que a realidade do conflito dos pais passou a ser também a realidade psíquica dessas crianças. Quando os pais estão em embate permanente, uma quantidade de energia da criança é direcionada para o controle dessa relação (Walsh, 1993; Winnicott, 1988). Nessa situação, a criança pode acabar se comportando como se estivesse “possuída” pelos pais em conflito (Winnicott, 1988, p.361). O empobrecimento simbólico e o controle do comportamento, aliado à ruptura da unidade familiar de forma traumática evidenciaram que os efeitos da separação conflituosa vêm influenciando o desenvolvimento psicológico dessas crianças.

A ausência de ambivalência e um maior envolvimento afetivo com suas mães foi outra característica encontrada. Cabe salientar que, em todos os casos analisados, as mães ocuparam o papel de alienadoras. Os estudos sobre o fenômeno têm sido categóricos quanto à

prevalência das genitoras nesse papel (Bala, Hunt & MacCarney, 2010; Berns, 2001; Clawar & Rivlin, 1991; Calabrese, Miller & Dooley, 1987; Dunne & Hedrick, 1994; Johnston, 2003).

### *Considerações Finais*

Os resultados obtidos na análise dos estudos de caso vêm ao encontro de alguns aspectos descritos na literatura. As crianças apresentaram um funcionamento psicodinâmico permeado por características regressivas, baseados em uma relação fusional com suas mães. Foram observadas características de dependência, passividade, controle da expressão afetiva e inibição. Os mecanismos de defesa mais utilizados foram a racionalização e a repressão. Em todos os casos analisados, as crianças mantinham uma forte aliança com suas mães, que ocupavam o papel de alienadoras.

Foi possível destacar a conduta evitativa dos participantes, dando a impressão de estarem perdidos, sem saber o que dizer, como se comportar ou como agir diante das situações propostas durante o estudo. Esse aspecto evidenciou uma sensação de desconforto geral entre as crianças. A falta de espontaneidade, o discurso distante, muitas vezes programado e a dificuldade de ficar neutro diante do conflito foram evidenciados através do controle do comportamento.

A participação das crianças no conflito mostrou que elas se colocavam a favor das genitoras possivelmente por estarem escutando diariamente um discurso que desfavorecia o genitor. Com a impossibilidade de um contato mais próximo (em todos os casos, as visitas não estavam acontecendo), foi ocorrendo um distanciamento natural e progressivo, levando alguns dos participantes a rechaçar qualquer tentativa de reaproximação. Os resultados apontaram para uma dinâmica na qual todos os participantes estão diretamente envolvidos. As crianças, por serem mais vulneráveis, ficam perdidas, assustadas, tristes e sentem-se sem

escolha. Esse dado também foi apontado em estudos acerca do fenômeno da Alienação Parental.

As crianças envolvidas neste estudo apresentaram conflitos e ansiedade de separação decorrentes de uma relação simbiótica com suas mães. Mostraram-se dependentes, imaturas e com poucos recursos egoicos disponíveis.

É relevante considerar a importância da realização de novos estudos qualitativos que possam contribuir para um melhor esclarecimento do fenômeno da Alienação Parental, principalmente no que diz respeito à participação das crianças no conflito. Esses casos costumam ser complexos, e as crianças acabam sendo expostas a muitas avaliações durante um Processo Judicial. Certamente, esclarecer melhor o fenômeno e suas implicações para as crianças poderá contribuir para a diminuição do sofrimento apresentado pelos filhos na participação do litígio de seus pais.

É importante referir as limitações do presente estudo, com relação ao número restrito de casos participantes. É relevante também sugerir que novos estudos avaliem propostas psicoterapêuticas para essa população, já que dificilmente procuram espontaneamente por psicoterapia.

### ***Referências Bibliográficas***

Argimon, I.I.L., Cunha, J.A., Werlang, B.G. (2000). Teste das Fábulas: novas perspectivas, em Cunha, J.A., *Psicodiagnóstico - V. (5ª)*. Ed. Porto Alegre: Artmed.

Bala, N., Hunt, S. & MacCarney, C. (2010). Parental alienation Canadian court cases – 1989-2008. *Family Court Review*, 48, 164-179.

Baker, A. J. L. (2005). The long term effects of parental alienation syndrome: A qualitative research study. *American Journal of Family Therapy*, 33, 289-302.

Baker, A. J. L. & Darnall, D. (2006). Behaviors and Strategies Employed in Parental Alienation: A Survey of Parental Experiences. *Journal of Divorce & Remarriage*, 45, 75-99.

Baker, A. J. L. (2007). Knowledge and attitudes about the Parental Alienation Syndrome: a survey of custody evaluators. *The American Journal of Family Therapy*, 35, 1-19.

Berns, S. (2001) Parental alienation syndrome in the family court: magic bullet or poisoned chalice? *Australian Journal of Family Law*, 15, 191–214.

Bow, J. N.; Gould, J. W. & Flens, J. R. (2009). Examining Parental Alienation in child custody cases; a survey mental health and legal professionals. *The American Journal of Family Therapy*, 37, 127-145.

Bow, J. N., Quinnell, F. A., Zaroff, M., & Assemany, A. (2002). Assessment of sexual abuse allegations in child custody cases. *Professional Psychology: Research and Practice*, 33, 566-575.

Calabrese, R. M.; Miller, J. W. & Dooley, B. (1987). The identification of alienated parents and children: Implications for school psychologists. *Psychology in the Schools*, 24, 145–150.

Cárdenas, E.J. (2000). El abuso de la denuncia de abuso. *La Ley*, 178, 1-3.

Clawar, S. S. & Rivlin, B. V. (1991) *Children held hostage: Dealing with programmed and brainwashed children*. Illinois: American Bar Association.

Cunha, J A. (2000). *Psicodiagnóstico – V. (5ª)*. Ed. Porto Alegre: Artmed.

Costa, L. F., Penso, M.A., Legnani, V.N. & Sudbrack, M.F.O. (2009). As competências da psicologia jurídica na avaliação psicossocial de famílias em conflito. *Psicol. Soc.*, 2, 233-241.

Cunha, J. A. & Nunes, M. L. T. (1993). *Teste das Fábulas*. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.

Darnall, D. (1997). *New definition of parental alienation. What is the difference between parental alienation (PA) and parental alienation syndrome (PAS)?* Recuperado em 15 de dezembro, 2009, em <http://www.parentalalienation.com/articles/parental-alienation-defined.html>

Darnall, D. (2010). *Beyond divorce casualties: reunifying the alienated family*. Plymouth, UK : Taylor Trade.

Dias, M.B.D. (2006). *Da alienação parental, o que é isso?* Jus Navegandi. Recuperado em 7 de dezembro, 2009, em [HTTP://WWW.cefipoa.com.br/artigos.php?id=4&\\*h\\*sessd=b1041eb1c62568321b9bf8095d07097c](HTTP://WWW.cefipoa.com.br/artigos.php?id=4&*h*sessd=b1041eb1c62568321b9bf8095d07097c)

Dunne, J. & Hedrick, M. (1994). The parental alienation syndrome: an analysis of sixteen selected cases. *Journal of Divorce and Remarriage*, 21, 21–38.

Efron, A.M., Fainberg, E., Kleiner, Y, Sigal, A. M. & Woscoboinik, P. (2001). A Hora de Jogo Diagnóstica. Em M. L. S., Ocampo *et al.* *O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas* (10ª ed., pp. 205-237). São Paulo: Martins Fontes.

Feres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estud.psicol.* 8, 367-374.

Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.

França, F. (2004). Reflexões sobre a Psicologia Jurídica e seu panorama no Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6 (1), 73-80.

Gardner, R. A. (1987). *The parental alienation syndrome and differentiation between fabricated and genuine child sex abuse*. New Jersey: Creative Therapeutics.

Gardner, R.A. (1998). *The parental alienation syndrome: a guide for mental health and legal professionals*. New jersey: Creative Therapeutics.

Goldstein, R.Z. (1992). *El niño como objeto transicional de la madre: demanda da dependência revertida*. Montevideo, Fepal.

Grzybowski, L.S. & Wagner, A. (2010). Casa do pai, casa da mãe: a coparentalidade após o divórcio. *Psic.: Teor. e Pesq.*, 26, 77-87.

Guardiola, M.G.T. (2006). Maltrato psicológico. *Cuad. Med. Forense*, 43, 103-116.

Gudjonsson, G. (1983). Suggestibility, intelligence, memory recall and personality: an experimental study. *British Journal Psychiatric*, 142, 35-37.

IBGE – a Censo Nacional Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2009). Retirado em 30 de maio de 2010 de [HTTP://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2031&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2031&id_pagina=1)

Johnston, J. R. (1993) *Children of divorce who refuse visitation*. Em Depner, C & Bray, J. H. (Orgs), *Non-residential parenting: New vistas in family living* (pp.109–135). Califórnia: Sage.

Johnston, J. R. (2003). Parental alignments and rejection: an empirical study of alienation children of divorce. *Journal of the American Academy of Psychiatry and the Law*, 31, 158–170.

Kelly, J. B. & Johnston, J. R. (2001). The alienated child: A reformulation of parental alienation syndrome. *Family Court Review*, 39, 249–266.

Lago, V.M & Bandeira, D.R. (2009). A psicologia e as demandas atuais do direito de família. *Psicologia Ciência e Profissão*, 29 (2), 290-305.

*Lei n° 12318-10 de 26 de agosto de 2010 (2010)*. Dispõe sobre a regulamentação da alienação parental. Recuperado em 07 de outubro, 2010 de [WWW.apase.org.br](http://www.apase.org.br).

Nicholas, L. (1997). *Does parental alienation syndrome exist? Preliminary empirical study of the phenomenon in custody and visitation disputes*. Proceedings of Thirteenth Annual Symposium of the American College of Forensic Psychology. Vancouver; British Columbia.



Ramires, V. R. R. (2004). As transições familiares: a perspectiva de crianças e pré-adolescentes. *Psicol. Estud.*, 9, 183-193.

Rand, D.C. (1997). Parental Alienation Syndrome. *American Journal of Forensic Psychology*, 15, 72-92.

Rovinki, S. L. R. (2007). *Fundamentos da perícia psicológica forense*. São Paulo: Vetor.

Stein, L. M., & Pergher, G. K. (2001). Criando falsas memórias em adultos por meio de palavras associadas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14, 353-366.

Stein, L. M.; Feix, L. & Rohenkohl. (2006). Avanços metodológicos no estudo das falsas memórias: Construção e normatização do procedimento de palavras associadas à realidade brasileira. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19, 196-205.

Vassilou, D. & Cartwright, G. F. (2001). The lost parents perspective on parental alienation syndrome. *The American Journal of Family Therapy*, 29, 181-191.

Wallerstein, J.S. & Kelly, J.B. (1998). *Sobrevivendo à separação: como pais e filhos lidam com o divórcio*. Porto Alegre: Artmed.

Walsh, F. (1993). *Normal family process*. New York: Guilford Press.

Winnicott, D.W. (1975). *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D.W. (1979). *A Criança e seu Mundo*. Rio de Janeiro: Zahar.

Winnicott, D.W. (1988). *Textos selecionados da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Winnicott, D.W. (1997). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes.

Winnicott, D.W. (1997). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes.

Yin, R.K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.

## PALAVRAS FINAIS

O trabalho com famílias em conflito tem sido um desafio para os profissionais que atuam no campo de interlocução entre a Psicologia Clínica e a Psicologia Jurídica. O ambiente nessas famílias costuma ser tumultuado, com a presença de sentimentos como raiva, rancor, mágoa e ressentimentos. Muitas vezes, esses aspectos acabam sendo amplificados por disputas de interesse e sentimentos de vingança. Assim, encontramos um campo de difícil acesso, já que tanto os pais quanto as crianças acabam em um círculo vicioso, convencendo-se de suas posições no conflito e, quase sempre, enxergando qualquer tipo de ajuda como uma ameaça de perda de controle da situação.

Os resultados obtidos no presente estudo evidenciaram que as características de personalidade de pais, mães e filhos envolvidos no fenômeno da Alienação Parental apresentam características em comum, sendo possível perceber uma fragilidade egoica em todos os participantes. Ficou evidente que o conflito passou a ocupar um lugar de destaque na vida dessas pessoas, que começaram a viver em estado permanente de disputa e alerta. Apesar de os resultados serem de uma pesquisa qualitativa, o que não permite generalizações, observou-se o quanto as características de estrutura de personalidade podem influenciar o comportamento dos envolvidos no fenômeno.

Os resultados obtidos neste trabalho podem contribuir, portanto, para as intervenções clínicas com famílias em disputa de guarda, bem como para a realização de avaliações psicológicas e perícias judiciais. Ficou claro que uma investigação que leve em conta as características de estrutura de personalidade dos envolvidos poderá ser útil para os profissionais que atuam na área.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cruz, R. M., Maciel, S. K. & Ramirez, D. C. (2005). *O Trabalho do psicólogo no campo jurídico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Darnall, D. (1997). *New definition of parental alienation. What is the difference between parental alienation (PA) and parental alienation syndrome (PAS)?* Recuperado em 15 dezembro, 2009, em <http://www.parentalalienation.com/articles/parental-alienation-defined.html>

Darnall, D. (2010). *Beyond divorce casualties: reunifying the alienated family*. Plymouth, UK : Taylor Trade.

França, F. (2004). Reflexões sobre a Psicologia Jurídica e seu panorama no Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6 (1), 73-80.

Gardner, R. A. (1987). *The parental alienation syndrome and differentiation between fabricated and genuine child sex abuse*. New Jersey. Creative Therapeutics.

IBGE – Censo Nacional Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2003/2004). Retirado em 30 de maio de 2010 de [HTTP://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2031&id\\_pagina=1](HTTP://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2031&id_pagina=1)

Kelly, J. B. & Johnston, J. R. (2001). The alienated child: A reformulation of parental alienation syndrome. *Family Court Review*, 39, 249–266.

Lago, V.M & Bandeira, D.R. (2009). A psicologia e as demandas atuais do direito de família. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 29 (2), 290-305.

Rovinki, S. L. R. (2007). *Fundamentos da perícia psicológica forense*. São Paulo: Vetor.

## ANEXO A

### Questões norteadoras das entrevistas semiestruturadas com os pais

1. Conte-me a história de ... (nome da criança);
2. Conte-me a história do seu relacionamento com .... (nome do ex-cônjuge); (como vocês se conheceram..., etc.)?
3. O que motivou a separação?
4. Como a separação foi tratada (se tiver sido) com o(a) .....?
5. Como está o relacionamento atual entre vocês?
6. O que motivou o processo judicial?
7. Como está seu relacionamento com seu filho(a)? Quais são os motivos pelos quais você acha que o relacionamento está assim?
8. Atualmente, você está tendo outro relacionamento? Como seu filho(a) trata esta questão?
9. O que você espera para o futuro sobre o relacionamento com seu filho(a)?
10. Conte-me sobre a sua história de vida.
11. Você experimentou, durante a infância, a perda de alguém muito próximo?
12. Em caso afirmativo, como você se sentiu?

## ANEXO B

### Questões norteadoras das entrevistas estruturadas com os pais

1. Você poderia me contar a história de sua família? Onde você nasceu e viveu até hoje? Como foi?
2. Você poderia descrever seu relacionamento com seus pais quando você era pequeno(a)?
3. Você poderia escolher três adjetivos ou palavras que refletem o seu relacionamento com sua mãe durante a sua infância, por exemplo, entre seus 5 e 10 anos de idade?
4. Você poderia escolher três adjetivos ou palavras que refletem o seu relacionamento com seu pai durante a sua infância, por exemplo, entre seus 5 e 10 anos de idade?
5. Você se sentia mais próximo(a) de sua mãe ou de seu pai quando era pequeno(a)? Por quê? Por que não tem esse sentimento em relação ao outro genitor?
6. Quando você ficava chateado(a) quando criança, o que você fazia?
7. Qual é a primeira vez que você lembra ter se separado(a) de seus pais? Como você respondeu? Como seus pais reagiram? Você lembra outras separações? Quais? Como foram?
8. Alguma vez você se sentiu rejeitado(a) quando criança? Quantos anos você tinha? O que você fez?  
*(Se o entrevistado(a) se referir aos pais, perguntar: Por que você acha que seu pai/mãe fez essas coisas; você acha que ele/ela percebeu que ele/ela estava rejeitando você?)*
9. Alguma vez você se sentiu ameaçado(a) por seus pais de alguma maneira – talvez por disciplina, ou mesmo brincando?  
*(Algumas pessoas dizem, por exemplo, que seus pais ameaçavam deixá-los ou mandá-los embora.)*  
*(Algumas pessoas têm lembranças de ameaças ou de algum tipo de comportamento que era abusivo.)*  
Algo semelhante aconteceu com você ou em sua família?  
Quantos anos você tinha na época? Isso acontecia com frequência?  
Você sente que essa experiência o afeta hoje em dia?  
Essa experiência influencia seu relacionamento com seu filho/sua filha?  
Você teve alguma dessas experiências que envolvesse pessoas de fora da sua família?

10. Em geral, como você acha que sua experiência global com os seus pais afeta a sua personalidade adulta?
11. Por que você acha que seus pais se comportaram como o fizeram durante a sua infância?
12. Houve outros adultos de quem você se sentia próximo(a), como se fossem seus pais, quando criança? Ou qualquer outro adulto que tenha sido especialmente importante para você?
13. Você vivenciou a perda de alguém muito próximo quando criança (pais, irmãos, familiar próximo)?  
Quais foram as circunstâncias e quantos anos você tinha?  
Como você reagiu?  
Lembra dos seus sentimentos naquele momento?  
Seus sentimentos sobre essa morte mudaram ao longo do tempo?  
Essa perda teve um efeito sobre a sua personalidade adulta?
  - 13a. Você perdeu quaisquer outras pessoas importantes durante a sua infância?
  - 13b. Você perdeu outras pessoas próximas, na idade adulta?
14. Você já teve alguma outra experiência que você considera traumática?
15. Houve mudanças no seu relacionamento com seus pais depois da infância?
16. Como é o seu relacionamento com seus pais hoje em dia?  
Você tem alguma insatisfação no seu relacionamento atual com seus pais? E satisfação?
17. Você pode me falar agora sobre seu relacionamento com seu filho/sua filha? Como você se sente quando se separa do seu filho/sua filha?
18. O que você deseja para o futuro de seu filho/sua filha?
19. O que você sente que aprendeu com suas experiências da infância?
20. No futuro, o que você espera que seu filho/sua filha poderá ter aprendido com a experiência de ter tido você como pai/como mãe?

## ANEXO C

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Responsáveis:

Com o objetivo de contribuir para o campo de conhecimentos sobre as relações familiares, suas dificuldades e transformações, desenvolveremos um estudo que terá como objetivo analisar os problemas enfrentados por pais e filhos em separações conjugais litigiosas.

Sua participação neste estudo, assim como a da sua filha/seu filho, implicará a realização de algumas entrevistas junto ao Programa Ambulatorial de Atenção à Saúde (PAAS), serviço-escola do Curso de Psicologia da Unisinos. Também serão realizados testes psicológicos com todos os participantes, pais e filhos. A qualquer momento você poderá solicitar esclarecimentos, bem como desistir da pesquisa, sem qualquer prejuízo a você ou a seus familiares.

Todos os dados e informações obtidos nas entrevistas de avaliação serão confidenciais, e ficarão arquivados por um período de 5 anos no Programa Ambulatorial de Atenção à Saúde (PAAS). O conhecimento que tais dados possibilitarão sobre as relações familiares poderá ser divulgado em publicações de caráter científico, preservando-se totalmente a identidade dos participantes. Deve-se ressaltar, entretanto, que, na medida em que houver uma solicitação de avaliação pelo Poder Judiciário, envolvendo você e os membros da sua família, poderá ser necessário o envio de um Laudo Psicológico para a Vara de Família demandante.

A pesquisa não implica qualquer risco para você e para seu filho/sua filha. Poderá ser experimentado algum desconforto ao tratar de assuntos relacionados aos conflitos nas relações familiares.

A pesquisadora responsável por este estudo é a psicóloga Fabiana da Motta Damiani, orientada pela professora Vera Regina Röhnelt Ramires, que pode ser contatada pelo telefone 3590-8326, na UNISINOS. Este documento consta de duas vias, uma das quais permanece em seu poder.

---

---

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que fui informada(o), de forma clara e detalhada, dos objetivos e dos procedimentos da pesquisa acima descrita e:

- ( ) autorizo a realização do estudo e concordo em participar;
- ( ) autorizo meu filho(a) \_\_\_\_\_ a participar do estudo.

Assinatura do responsável: \_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora responsável: \_\_\_\_\_

Fabiana da Motta Damiani

Assinatura da professora responsável: \_\_\_\_\_

Vera Regina Röhnelt Ramires

Local e Data: \_\_\_\_\_